



Universidade Eduardo Mondlane

Faculdade de Educação

**Influência do Apoio dos Pais ou Encarregados de Educação no
Desempenho Escolar dos Educandos: Caso da 8ª classe da Escola
Comunitária Nossa Senhora do Livramento, no Município da Matola,
Bairro – T - 3**

DISSERTAÇÃO

José de Inocêncio Narciso Cossa

Dissertação Apresentada em Cumprimento dos Requisitos Parciais para a Obtenção do
Grau de Mestre em Desenvolvimento Curricular e Instrucional

Maputo, Agosto de 2013

COMITÉ DO JÚRI

Presidente:	Doutora Feleciana Eduardo, Universidade Eduardo Mondlane
Examinadora Externa:	Prof.a. Doutora Stela Duarte, Universidade Pedagógica
Supervisor:	Prof. Doutor Mouzinho Mário, Universidade Eduardo Mondlane

Influência do Apoio dos Pais ou Encarregados de Educação no Desempenho Escolar dos Educandos: Caso da 8ª classe da Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento, no Município da Matola, Bairro – T- 3

José de Inocência Narciso Cossa

Supervisor:
Prof. Doutor Mouzinho Mário

Influência do Apoio dos Pais ou Encarregados de Educação no Desempenho Escolar dos Educandos: Caso da 8ª classe da Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento, no Município da Matola, Bairro – T- 3

Influência do Apoio dos Pais ou Encarregados de Educação no Desempenho Escolar dos Educandos: Caso da 8ª classe da Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento no Município da Matola, Bairro – T- 3

Dissertação de Mestrado submetida a avaliação final aos ____/____/____, as ____ horas, na Faculdade de Educação da Universidade Eduardo Mondlane, nos termos do Regulamento dos cursos de Mestrado em vigor na UEM.

Por:

José de Inocência Narciso Cossa

Nascido aos 8 de Junho de 1981

Província de Maputo, Moçambique

DECLARAÇÃO DE HONRA

Declaro por minha honra que este trabalho de Dissertação de Mestrado nunca foi apresentado, na sua essência, em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau acadêmico. Ele resulta da minha pesquisa pessoal e das orientações do Supervisor. O conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto e nas referências bibliográficas.

José de Inocência Narciso Cossa

Maputo, Agosto de 2013

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a toda Família Cossa, aos meus irmãos e, em particular, aos meus pais por terem me mostrado o caminho da Escola.

À minha esposa Maria Alexandra Dionísio Valentim Catela pela compreensão, força e pelo carinho que me proporcionou durante os meus estudos.

AGRADECIMENTOS

Gostaria, em primeiro lugar, de endereçar o meu especial agradecimento ao Prof. Dr. Mouzinho Mário, meu Supervisor, que de forma enérgica e incansável dedicou o seu tempo na supervisão desta pesquisa. Os meus agradecimentos estendem-se a todos os Docentes de Mestrado em Educação na FacED - UEM, bem como colegas da turma de 2010, do curso de Mestrado em Desenvolvimento Curricular e Instrucional, pelo acompanhamento, pela força, pela disponibilidade e pelas contribuições que me deram em algumas fases desta pesquisa.

Agradeço, em segundo lugar, à Direcção da Escola Comunitária Nossa Senhora Do Livramento-T3, que autorizou a recolha de dados, sem os quais não teria sido possível a realização desta pesquisa. Os meus agradecimentos são extensivos a todos os professores desta escola, em particular os entrevistados.

Agradeço igualmente ao Sr. Padre Alberto Vera, Director da Escola em análise, Srs. Maurício Matlombe, José Salomão Maúngue, Belmiro Massangai e Acácio Manhiça, Directores Adjuntos Pedagógicos pela disponibilidade físico - mental.

Os meus agradecimentos são extensivos aos meus pais Narciso Fabião Macie e Evelina Nhamuave e aos meus irmãos, que sempre me apoiaram incondicionalmente durante os meus estudos. Agradeço igualmente a Deus por ter me trazido ao mundo ao vosso lado e que tem iluminado o meu caminho.

LISTA DE ABREVIATURAS

DT	Director de Turma
ECNSL	Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento
ESG	Ensino Secundário Geral
GoM	Governo de Moçambique
IMAP	Instituto de Magistério Primário
MINED	Ministério de Educação
PEA	Processo de Ensino e Aprendizagem
PNE	Política Nacional de Educação
SNE	Sistema Nacional de Educação
TPC	Trabalho de Casa
UEM	Universidade Eduardo Mondlane
UP	Universidade Pedagógica

ÍNDICE

DECLARAÇÃO DE HONRA	v
DEDICATÓRIA.....	vi
AGRADECIMENTOS	vii
LISTA DE ABREVIATURAS.....	viii
ÍNDICE.....	ix
RESUMO	xi
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização do Estudo	2
1.2. Objectivos:.....	5
1.2.1 Geral:	5
1.2.2 Específicos.....	5
1.3 Formulação do Problema.....	5
1.4. Perguntas de Pesquisa.....	6
1.5 Justificação do Estudo	7
1.6. Quadro Teórico.....	7
1.7 Estrutura da Dissertação	11
CAPITULO 2. REVISÃO DA LITERATURA	13
2.1 Influência das Experiências dos Alunos no seu Desempenho Escolar.....	13
2.2 Papel da Escola e do Professor no Desempenho Escolar dos Educandos	15
2.3 Papel da Família no Desempenho Escolar dos Educandos	20
2.4 Importância da Ligação Escola–Pais no Desempenho Escolar dos Alunos.....	28
2.5 Sumário.....	34
CAPÍTULO 3: METODOLOGIA	36
3.2. Método de Abordagem	38
3.3.Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados	39
3.4. Plano de Análise de Dados	40
3.4.1 Codificação dos Entrevistados	42
3.5 Métodos e Técnicas de Análise de Dados	42
3.6. Unidades de Análise	43
CAPÍTULO 4: ANÁLISE DE DADOS	44
4.1 Perfil Sócio-demográfico dos Sujeitos	44

4.1.1 Perfil dos Alunos	44
4.1.2 Perfil dos Professores	44
4.1.3 Perfil dos Membros da Direcção da Escola.....	45
4.1.4 Perfil dos Pais ou Encarregados de Educação dos Educandos com bom Desempenho	45
4.2 Concepções do Papel dos Pais ou Encarregados de Educação no Apoio aos Educandos.....	46
4.3 Sumário.....	52
4.4 Concepções sobre o Papel dos Professores da Escola no Apoio aos alunos	52
4.4.1 Concepções dos Professores sobre o Papel dos Pais ou Encarregados de Educação	52
4.5 Sumário.....	53
4.6 Concepções dos Membros da Direcção da Escola sobre o seu Papel no Apoio aos Educandos.....	54
4.6.1 Concepções dos Membros da Direcção da Escola sobre o Papel dos Pais ou Encarregados de Educação no Apoio aos Educandos	55
4.7 Sumário.....	57
4.8. Concepções dos Educandos sobre o Apoio dos Pais ou Encarregados de Educação.	58
CAPÍTULO 5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	60
CAPÍTULO 6: CONCLUSÕES	67
CAPÍTULO 7. RECOMENDAÇÕES	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	73
ANEXOS.....	77
I. Guião de Entrevista aos Membros da Direcção da Escola.....	78
II. Guião de Entrevistas aos Professores:	79
III. Guião para Entrevista aos Pais e ou Encarregados de Educação:	80
IV. Questionário sobre os Antecedentes Sócio - económicos dos Alunos da 8 ^a classe. ...	82

RESUMO

A presente pesquisa tem como objectivo perceber, em que medida o apoio dos pais ou encarregados de educação influencia no desempenho escolar dos educandos. Nesta ordem de ideias, o estudo propunha-se responder às seguintes perguntas: De que forma é que o papel dos pais ou encarregados de educação é compreendido e interpretado tanto pelos professores, pelos elementos da Direcção e pelos próprios pais ou encarregados de educação da Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento (ECNSL)? Em que medida o apoio dos pais ou encarregados de educação influencia no desempenho escolar dos educandos na ECNSL? Para responder às perguntas acima, a pesquisa optou por uma abordagem qualitativa, que consistiu na realização de entrevistas e questionários aos professores, aos membros da Direcção da Escola, aos pais ou encarregados de educação e aos alunos e na análise de documentos. O estudo baseou-se numa amostra por conveniência de seis professores, dos quais, três eram do sexo feminino e três do sexo masculino, cinco membros da Direcção da Escola, um do sexo feminino e quatro do sexo masculino e, pelo método de casos extremos, seleccionei 26 alunos, dos quais 13 eram do sexo feminino e 13 do sexo masculino, e 26 pais ou encarregados de educação, dos quais treze (13) pais de educandos que apresentavam fraco desempenho escolar e os restantes treze (13) pais, de educandos que apresentavam um bom desempenho, seleccionados também pelo método de casos extremos. O estudo mostrou que todos os educandos que beneficiaram de maior apoio dos pais ou encarregados de educação apresentavam um bom desempenho escolar. O estudo recomenda um maior envolvimento dos pais ou encarregados de educação na actividade escolar dos educandos, não só em termos de apoio monetário e material, mas também de interacção com os professores na Escola.

Palavras Chave: Influência dos pais, envolvimento dos pais ou encarregados de educação na Escola, papel da Escola, papel da família, relação Escola-comunidade, desempenho dos alunos da Escola Secundária, comportamento dos alunos na Escola.

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO

O Ministério da Educação (MINED) e demais órgãos sob sua tutela têm, anualmente, multiplicado esforços de forma a melhorar as taxas de aprovação nas Escolas Primárias e Secundárias. A Direcção Provincial de Educação da província de Maputo, por exemplo, tem efectuado visitas pedagógicas e encontros com os gestores de Escolas de forma a apoiá-los técnica e pedagogicamente com vista a reduzir os índices de reprovações e de desistências de alunos. O MINED tem, inclusive, envolvido vários actores no Processo de Ensino e Aprendizagem (PEA), nomeadamente, os pais ou encarregados de educação e outros membros da comunidade.

Porém, as taxas de reprovação e de desistência continuam altas na maioria das Escolas, tanto públicas como privadas. Por exemplo, no ano lectivo de 2010, verificou-se em toda a província de Maputo cerca de 45% de reprovações no Ensino Secundário Geral (ESG) e no caso particular da Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento (ECNSL) verificou-se cerca de 76% de reprovações no I Ciclo. Estes dados têm preocupado não só o Governo da província, mas também o Governo central.

É neste âmbito que surge o presente estudo cujo propósito é compreender a influência do apoio de pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos.

Esta pesquisa foi motivada pelo facto de se ter constatado um fraco desempenho escolar de muitos educandos na ECNSL, Município da Matola-T-3, mediante uma observação dos resultados oficiais referentes ao ano lectivo de 2010.

Uma apreciação preliminar do desempenho dos educandos, a partir duma observação espontânea, não só do aproveitamento como também do comportamento, revelou que alguns alunos que apresentavam bom desempenho escolar beneficiavam do apoio dos respectivos pais ou encarregados de educação, apoio este, que não parecem ter os alunos que apresentavam fraco desempenho. Esta observação levou a suspeitar que o apoio dos pais ou encarregados de educação exercia uma influência directa sobre o desempenho escolar dos educandos. Como forma de melhor compreender tal influência, decidi conduzir o presente estudo. Com efeito, pesquisas aprofundadas sobre a influência do apoio de pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos,

sobretudo em Moçambique, são escassas. Por isso, esta pesquisa avança nesta direcção, com o intuito de contribuir para a construção do conhecimento existente nesta área.

1.1 Contextualização do Estudo

Em 1983 foi introduzido, em Moçambique, o Sistema Nacional de Educação (SNE) através da Lei Nº 4/83, de 23 de Março o qual nove anos mais tarde viria a ser reajustado pela Lei Nº 6/92, de 6 de Maio, com vista a adequá-lo, do ponto de vista pedagógico e organizativo, à nova conjuntura política, económica e social do País e do mundo.

Entretanto, o MINED por sua vez empreendeu esforços no sentido de expandir a rede escolar. No quadro das políticas de expansão do ensino e em consonância com a alínea b) do artigo 1 da Lei 6/92 de 06 de Maio, o Estado passou a permitir "a participação de outras entidades, incluindo comunitárias, cooperativas, empresariais e privadas no processo educativo".

Com efeito, à luz do Diploma Ministerial n.º 126/94, de Boletim da República, o MINED autorizou o exercício da actividade do Ensino Privado, onde se destacam o Ensino Particular Privado cujo objectivo é de obter lucros ou não e o Ensino Particular Comunitário, sob regência da Comunidade, cujo objectivo é apoiar pessoas carenciadas da Comunidade. Entretanto, o funcionamento dos dois tipos de Ensino obedece a um calendário previamente instruído pelo Ministro de Educação através da instrução ministerial.

Em 1995, o Governo de Moçambique (GoM) adoptou através da Resolução Nº 8/95 do Conselho de Ministros, a Política Nacional de Educação (PNE) e a respectiva Estratégia de Implementação, que operacionaliza o SNE, determinando como objectivos do Ensino Secundário, por um lado, a ampliação e a consolidação dos conhecimentos adquiridos no Ensino Primário, tendo em vista o ingresso dos graduados deste subsistema, no Ensino Superior ou em actividades produtivas. O aumento do acesso às oportunidades educativas para todos os moçambicanos à todos os níveis do sistema educativo, por outro (GoM, 1995:180: MINED, 1997).

É neste contexto que foi criada, em 1998, a Escola Comunitária Nossa Senhora do Livramento (ECNSL) localizada no bairro T3, Posto Administrativo de Infulene,

Município da Matola, propriedade da Igreja Católica. O Director desta Escola é o administrador local da referida Igreja. Porém, uma parte da Direcção Pedagógica é nomeada pela Direcção Provincial de Educação e Cultura de Maputo, visto que na altura da sua construção, a Escola assinou um contrato de prestação de serviços com o MINED, onde este se dispôs a enviar uma parte dos professores necessários, e a Escola, por sua vez, se comprometeu a receber alguns alunos das Escolas Públicas enviados pelos Serviços Distrital da Juventude e Tecnologia da Matola (SDJTM).

A maior parte dos alunos desta Escola vêm da Comunidade local, sendo várias as razões que os levam a ingressar naquela Escola. Dessas razões destacam-se as afectações a partir das Escolas Primárias Públicas circunvizinhas, dos que tiverem idades superiores a 13 anos, dos que tiverem perdido a vaga em Escolas Secundárias Públicas por excesso de faltas, outros ainda por terem reprovado mais de duas vezes na mesma classe, ou que tenham sido expulsos de outras Escolas Secundárias, entre outras.

No que diz respeito à estrutura organizacional, a ECNSL é, em conformidade com o artigo 7 do Regulamento do ESG, do Tipo C (com menos de 20 salas, para além das infra-estruturas constantes do cadastro) e tal como outras Escolas deste subsistema, a ECNSL deveria estar constituída pelos seguintes órgãos: a) Conselho de Escola; b) Direcção da Escola; c) Colectivo de Direcção; e d) Conselho Pedagógico. Mas, o que acontece é que a ECNSL só possui a Direcção da Escola, e o Colectivo de Direcção. Esta Escola lecciona em regime de três turnos, tem 76 professores, dos quais 19 do sexo feminino e 57 do sexo masculino.

Destes, 35 são licenciados ao passo que 41 têm o nível médio. Mais de metade dos professores auferem salários a partir do Orçamento do Estado e aos restantes, a Direcção da Escola paga a partir dos fundos provenientes das mensalidades pagas pelos alunos.

A nível primário, em 2010, havia 893 alunos, dos quais 376 (42.%) do sexo feminino e 517 (58%) masculino. A nível Secundário havia 2.585 alunos, dos quais 1.455 (56.2%) eram do sexo feminino e 1.130(43.7%) do sexo masculino.

Do ponto de vista curricular, esta Escola visa “*consolidar, ampliar e aprofundar as capacidades e conhecimentos dos alunos nas ciências matemáticas, naturais e sociais e nas áreas de cultura, estética e educação física; aperfeiçoar as faculdades intelectuais dos alunos; formar e enriquecer o carácter, as virtudes morais e físicas; desenvolver o espírito e a consciência patriótica*” (MINED, 2003). Para além das disciplinas curriculares previstas no Regulamento do Ensino Secundário Geral (10 no ESG1 e 6 ou 7 no ESG2) (MINED, 2006), a ECNSL introduziu na sua grelha curricular as seguintes disciplinas opcionais: Psicopedagogia, TIC, mas deixou de lado o Empreendedorismo e Educação Cívica e Moral.

Contudo, para que este propósito fosse alcançado tornava-se necessário que os professores, os Directores das Escolas Secundárias e os pais ou encarregados de educação acompanhassem o percurso escolar dos seus educandos e os apoiassem sempre que necessário.

Em termos normativos, o funcionamento desta Escola encontra suporte legal no Decreto 11/90, de 1 de Junho (regulamentado pelo Diploma Ministerial n.º 63/91, de 26 de Junho), que autoriza o Ensino Privado e encoraja, dentre outras, a participação de entidades Comunitárias na oferta de Ensino. Com efeito, o regulamento interno da ECNSL está em conformidade com Regulamento do Ensino Secundário Geral, no que não for contrário a ele (MINED, 2003).

Diferentemente das Escolas Particulares, os directores das Escolas Públicas e seus adjuntos pedagógicos são nomeados por despacho do Ministro da Educação. Os alunos destas Escolas não pagam mensalidades, bastando para tal, que façam matrícula nas classes iniciais de cada ciclo (8^a e 11^a classes) e inscrições nas classes intermediárias, no início de cada ano lectivo. Todos os professores das Escolas Públicas auferem seus salários a partir do Orçamento do Estado.

1.2. Objectivos:

1.2.1 Geral:

Compreender a influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos.

1.2.2 Específicos

- Mapear as diferentes concepções do papel dos pais ou encarregados de educação pelos diferentes actores e intervenientes no processo educativo na ECNSL.
- Identificar as práticas comuns dos pais ou encarregados de educação no apoio ao processo de aprendizagem de seus educandos na ECNSL.
- Identificar as razões subjacentes às dificuldades encontradas pelos pais ou encarregados de educação na ECNSL.
- Descrever o papel dos professores da Escola e dos Membros de Direcção no apoio aos educandos.

1.3 Formulação do Problema

A experiência diária mostra que o desempenho e a dedicação dos pais ou encarregados de educação no trabalho de casa (TPC) dos seus educandos são cruciais ao desempenho destes. Estas práticas manifestam-se pelo acompanhamento do T.P.C, verificando se o trabalho é feito diariamente, dialogando com os educandos para identificar prováveis problemas e dar possíveis soluções, verificando a caderneta escolar do educando, comunicando com o Director de Turma (D.T), sempre que possível e necessário, resolvendo problemas de índole escolar que os educandos trazem à casa, ou contratando explicadores, quando necessário.

Internacionalmente, várias pesquisas feitas (e.g. Vygotsky, 1989; Àvila, 1996; Del Prette e Dessen, 2005; Prado, 1981; Beleboni, 2001; e Canário, Alves e Rolo, 2001) destacam a importância do envolvimento dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos. À semelhança disso, ao nível regional, uma pesquisa recentemente levada a cabo por Mwamwenda (2006), na África do Sul, concluiu que o envolvimento dos pais ou encarregados de educação influenciava o desempenho escolar dos educandos, ao demonstrar que o entrosamento entre a Família, a Escola e a Comunidade actuam positivamente no desempenho escolar dos educandos.

Contrariamente aos achados acima referidos, no contexto moçambicano, pelo que se sabe ainda não foram feitas pesquisas explorando a influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos. Entretanto, na ECNSL existem indícios de fraco apoio por parte de alguns pais ou encarregados de educação aos seus educandos, facto que parece influenciar negativamente no desempenho dos mesmos.

Com efeito, o fraco desempenho escolar dos educandos tem preocupado o sector da Educação de uma forma geral e em particular a ECNSL. Por exemplo, no fim do ano lectivo de 2010, num universo de 360 alunos da 10ª classe, cerca de 150 reprovaram, o correspondente a 49 % do universo e só no mês de Maio de 2010, oito alunos do Curso Diurno da 8ª, 11ª e 12ª classes apareceram em estado de embriaguez.

Numa primeira análise parece prevalecer o entendimento de que o fraco desempenho escolar poderia estar associado ao fraco apoio e/ou envolvimento dos pais na vida escolar dos educandos da Escola, mas tal presunção não pode ser assumida categoricamente por falta de elementos fiáveis que a comprovem. Nesta ordem de ideias, a presente pesquisa esforça-se por melhor compreender a influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos na ECNSL.

1.4. Perguntas de Pesquisa

- a) De que forma é que o papel dos pais ou encarregados de educação é compreendido e interpretado pelos professores, pelos membros da Direcção e pelos próprios pais ou encarregados de educação da ECNSL?

- b) Em que medida o apoio dos pais ou encarregados de educação influencia no desempenho escolar dos educandos da ECNSL?

1.5 Justificação do Estudo

A escolha do tema que deu origem a este estudo resultou de dois aspectos fundamentais da minha actividade profissional. O primeiro, é consequência da minha função docente e da observação dos acontecimentos que se desenrolam dia após dia na Escola onde tenho vindo a trabalhar há mais de oito anos. O segundo prende-se com os maus resultados verificados durante o ano lectivo de 2010, na maioria das Escolas Secundárias da Província de Maputo em geral e na ECNSL, em particular. A minha experiência pessoal associada e confrontada com a situação que actualmente se vive na ECNSL levaram-me a reflectir sobre a necessidade de pesquisar de forma rigorosa e sistemática sobre as razões subjacentes a influência dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos alunos na referida instituição de ensino.

Outro aspecto que me levou a desenvolver este estudo é o de contribuir na área de educação sobre as formas de apoio aos educandos bem como realçar a importância da ligação Escola-Comunidade, Escola-Família e vice-versa no PEA.

Este estudo é igualmente pertinente, na medida em que vai sensibilizar as instituições de formação de professores a considerar ou a prever nos seus planos de formação conteúdos que visem apoiar os alunos, em particular, àqueles com fraco desempenho.

Dos resultados deste estudo, espero fornecer dados aos professores, aos membros da Direcção e aos pais ou encarregados de educação sobre as práticas eficazes de apoio aos educandos.

1.6. Quadro Teórico

Este trabalho insere-se na tradição de pesquisas em psicologia e sociologia da Educação que se interessaram na relação entre o apoio dos pais ou encarregados de educação e dos professores e o desempenho escolar dos alunos. O trabalho busca subsídios na teoria de

Epstein (1992) sobre o entrosamento das influências de três esferas da sociedade, nomeadamente, a Família, a Escola e a Comunidade no desempenho escolar dos educandos.

Epstein (1992) defende que o bom desempenho depende do entrosamento da Família, da Escola e da Comunidade, onde a criança vive e que as referidas esferas operam positivamente quando os seus objectivos, missões e responsabilidades se sobrepõem. Para este autor, estas três esferas devem funcionar de forma coordenada, partilhando os objectivos, as missões e as responsabilidades, de modo a garantir um bom desempenho escolar dos educandos. Por conseguinte, o mau funcionamento de uma ou mais destas três instâncias pode exercer uma influência negativa no desempenho escolar dos educandos.

Epstein (1992) postula ainda seis mecanismos através dos quais os objectivos, as missões e as responsabilidades das três instâncias (a Família, a Escola e a Comunidade) podem ser partilhadas visando o bom desempenho escolar dos educandos. Esses mecanismos são: i) a assistência aos pais, ii) manter a comunicação com os pais, iii) a organização de actividades voluntárias para os pais, iv) o envolvimento dos pais na aprendizagem através de trabalhos de casa (TPC), v) a inclusão dos pais na tomada de decisão avaliativa, vi) e a colaboração com a Comunidade.

Em sintonia com Epstein (1992), outros autores, como Sian e Ugwuegbu (1980), Gaje e Berliner (1984), Mwamwenda (2006) debruçam-se sobre o papel que cada uma das referidas esferas desempenha na conduta e no desempenho escolar dos educandos:

a) A Família

Os educandos que não recebem amor e bons cuidados dos seus pais têm maior probabilidade de não ter respeito por eles e podem estender esta percepção dos adultos a todas as outras figuras de autoridade na sua vida, incluindo os seus professores e a Escola. Frequentemente, os pais não têm a capacidade de controlar os seus educandos que, por sua vez, transferem a sua forma de se relacionar em casa para a situação escolar (Mwamwenda, 2006).

Também acontece que os educandos se tornam tão preocupados com os problemas em casa, como por exemplo, os conflitos maritais entre os seus pais, que se tornam incapazes de se concentrar na Escola. Como resultado, eles transgridem os regulamentos da Escola. O comportamento dos educandos pode também ser afectado pela situação económica dos seus pais. Por exemplo, os educandos podem faltar à Escola, algumas vezes, de forma a dar um suplemento económico à sua família através do seu trabalho (Mwamwenda, 2006).

Os pais também podem incrementar o mau comportamento dos educandos. Frequentemente, estes interferem no que os professores fazem e recusam permitir que os seus educandos sejam castigados, independentemente do que tiverem feito. Alguns pais criticam os professores à frente dos seus educandos, o que pode fazer com que estes percam o respeito pelos professores. É claro que os pais devem ter uma palavra a dizer sobre a forma como os seus educandos são ensinados e tratados, mas é de maior interesse do educando que eles acreditem que os professores sabem o que fazem, e que respeitem o trabalho dos professores, a não ser que os seus educandos estejam a ser afectados negativamente. Alguns pais têm pouca consideração pelo ensino e assim é improvável que os seus educandos vejam alguma razão para obedecer às regras da Escola (Mwamwenda, 2006).

b) A Comunidade

A Comunidade deve ter, igualmente, a sua quota de responsabilidade pelo mau comportamento do educando. O que acontece na Escola é simplesmente o reflexo do que se passa na Comunidade. Através dos *media*, as crianças são expostas à violência e vêm os seus pares e adultos desafiar a autoridade (Gage & Berliner 1984 citados por Mwamwenda, 2006).

Ainda Mwamwenda (2006) afirma que eles seguem esse modelo de comportamento e aplicam-no às suas relações com os outros educandos na Escola e aos seus professores. Além disso, a opressão e a exploração de um grupo étnico por outros, e as atitudes de desprezo que daí advêm, podem levar ao ressentimento e à resistência do grupo oprimido.

Isto pode manifestar-se não só na Comunidade como um todo, mas também em instituições sociais como a Escola.

c) A Escola

De acordo com Mwamwenda (2006), as Escolas podem também, por várias razões, ser fontes de falta de disciplina e de mau comportamento entre os educandos. As regras da Escola e os regulamentos podem ser rígidos e severos, punitivos e desnecessários. Se as turmas forem numerosas será difícil que os professores mantenham o controlo.

O comportamento indesejável dos educandos pode resultar do desconforto e consequentemente da sua dificuldade em se concentrarem. O mau comportamento neste contexto pode ser, de facto, uma forma de aliviar a tensão.

Os educandos podem também experimentar desconforto como resultado de má ventilação ou de extremos de temperatura nas aulas. A supervisão inadequada dos educandos durante os recreios pode dar uma oportunidade aos educandos mais velhos e mais fortes para agredir/bater nos outros. Outro factor que afecta a disciplina nas escolas é a autoridade conferida aos professores. Em algumas escolas, existem algumas medidas disciplinares que só podem ser administradas pelo director. Mas o director é apenas uma pessoa, com limites no seu tempo, e é irrealista esperar que ele lide sozinho com todos os problemas disciplinares da Escola, (Mwamwenda , 2006).

d) O Professor

Segundo Mwamwenda (2006), os professores raramente reconhecem a sua culpabilidade pelos problemas disciplinares na Escola. A culpa é habitualmente imputada aos educandos e aos seus pais “*que não os criaram de forma própria*”.

Contudo, os professores podem levar a que os educandos se portem mal pela forma como interagem com eles. Alguns professores têm pouca consideração pelos sentimentos dos educandos e ridicularizam-nos, minimizam-nos, humilham-nos, o que obviamente leva a que não se estabeleça uma relação positiva entre professores e educandos.

Ainda Mwamwenda (2006) afirma que os professores não podem esperar que os educandos gostem deles, que os respeitem se eles não mostrarem aos educandos que gostam deles e os respeitam. Alguns professores são punitivos, rígidos e não conhecem outro método para disciplinar os educandos para além do castigo corporal. Além disso, alguns professores vão para as aulas sem preparação, bêbados, atrasados ou vestidos de forma imprópria o que torna altamente provável que os educandos os desrespeitem.

Alguns professores usam a sala de aulas como uma plataforma de criticismo destrutivo dos pais dos alunos e da cultura, acreditando que têm uma espécie de imunidade contra o despertar do ressentimento nos educandos.

Os professores também podem contribuir para a existência de problemas disciplinares na sala de aula, dando aos seus educandos trabalhos que são demasiados difíceis, serem incapazes de responder às suas perguntas satisfatoriamente, criando prazos muito curtos e favorecendo determinados grupos de educandos em detrimento de outros.

De um modo geral pode-se afirmar que o que acontece em casa com o educando reflecte-se na Escola. Do mesmo modo, o que acontece na sala de aulas reflecte-se no desempenho escolar do educando. Por sua vez, a postura da sociedade perante o educando é determinante no que se refere ao seu comportamento e disciplina, e o seu relacionamento com os outros educandos. Portanto, nesta cadeia de relações entre a Família, a Escola, a Comunidade e o professor referidas por Epstein (1992) e Mwamwenda (2006) verifica-se uma necessidade de complementaridade mútua no cumprimento da missão, das responsabilidades e dos objectivos para que haja um bom desempenho escolar dos educandos bem como a partilha de responsabilidades.

1.7 Estrutura da Dissertação

A presente dissertação está estruturada em sete capítulos. O primeiro apresenta a contextualização do estudo, os objectivos, a formulação do problema, as perguntas de pesquisa, a justificação, o quadro teórico e a estrutura da dissertação. O segundo capítulo é reservado a revisão da literatura.

O terceiro debruça-se sobre a metodologia da pesquisa. O quarto faz a apresentação e análise dos dados. O quinto dedica-se à discussão dos resultados. O sexto destina-se a apresentação das conclusões e por fim, o sétimo está reservado as recomendações.

Depois da apresentação do primeiro capítulo referente à introdução passo, a seguir, a apresentar o capítulo dois referente à revisão da literatura.

CAPÍTULO 2. REVISÃO DA LITERATURA

Este capítulo apresenta a revisão da literatura inerente às diferentes abordagens teóricas sobre as discussões e conclusões sobre a influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos e os comentários baseados nos estudos realizados por autores que nele se referenciam. Com efeito, o presente capítulo debruça-se sobre quatro aspectos principais: 1. Influência das Experiências dos Alunos no seu Desempenho Escolar, 2. Papel da Escola (Professor) no Desempenho Escolar do Educando, 3. Papel da Família no Desempenho Escolar dos Educandos e 4. Importância da Ligação Escola–Comunidade no Desempenho Escolar dos Educandos.

2.1 Influência das Experiências dos Alunos no seu Desempenho Escolar

A qualidade dos Processos de Ensino e Aprendizagem (PEA) é dependente de vários factores internos e externos da Escola. Por isso, os administradores escolares para além de administrar os conteúdos devem também se preocupar em conhecer as características individuais dos seus educandos.

De acordo com Canário, Alves e Rolo (2000), os alunos e a sua experiência constituem o principal recurso para organizar e promover situações de aprendizagem. Segundo Canário *et al.* (2000), os PEA devem ter em conta as características do aluno, para o efeito, é preciso valorizar as experiências individuais dos alunos, para que estes se sintam integrados e valorizados nos processos de ensino e aprendizagem.

Canário *et al.* (2000) afirmam ainda que durante séculos prevaleceu a ideia de uma continuidade entre a aprendizagem e a experiência, portanto, aprender significava acumular experiências. A partir do momento em que a “forma escolar” se tornou o modo de socialização dominante, passou a prevalecer uma concepção de ruptura com a experiência, como forma de aprender. Esta tendência é tanto mais explícita quanto maior for à distância social e cultural entre a instituição escolar e os seus públicos.

A ideia que fica da descrição acima apresentada, é que Canário *et al.* (2000) defendem a necessidade da Escola reconhecer as experiências do seu público alvo (aluno), isto é, aceitar a cultura e as experiências individuais dos alunos e a partir deste reconhecimento introduzi-los paulatinamente na cultura escolar, visto que, se as experiências, as características e as necessidades de aprendizagem de alunos forem desvalorizadas, estas podem constituir-se em factores inibitórios de aprendizagem.

Portanto, Canário *et al.* (2000) chamam a atenção para a necessidade de a Escola em geral aceitar o aluno na sua plenitude, este deve ser visto como um ser com características próprias e particulares.

Ainda na mesma perspectiva, Williams e Chavkin (1989) citados por Mário (2010) defendem que a capacidade e a disponibilidade dos administradores escolares em recrutarem e acolherem as contribuições de pais e outros membros da comunidade para tarefas escolares, para escutar e valorizar pontos de vista diferentes e para partilhar a tomada de decisões importantes são uma condição *sine qua non* para que uma verdadeira parceria entre a Escola, a Família e a Comunidade tenha lugar.

Williams e Chavkin (1989), citados por Mário (2010) defendem uma Escola virada às necessidades e características da Comunidade. Toda e qualquer decisão da Escola deve partir de uma consulta prévia da Comunidade, a Escola não deve tomar qualquer decisão a revelia da Comunidade.

Noutra perspectiva, Beauchamp, Graveline e Quviger (2001) afirmam que o aprendizado provém, em geral, de experiência ou de conhecimentos anteriormente adquiridos. A experiência é um encaminhamento que torna possível que as pessoas descubram e expressem suas necessidades reais. As pessoas interessam-se apenas por aquilo que lhes diz respeito: é praticamente inútil impor um projecto a um grupo quando esse projecto não bate com as necessidades e os interesses reais do grupo.

Os estudos de Beauchamp, Graveline e Quviger (2001), permitem-me concluir que todo o projecto escolar seja de consenso com a Comunidade. Esta deve conhecer e reconhecer o projecto escolar e ver reflectido as suas ambições e expectativas, só assim que ela irá se envolver nas actividades escolares.

Por sua vez, Gray (1956) como citado em Marques (1991) argumenta que o ambiente cultural ou o “*background*” de experiências anteriores podem influenciar o progresso na aprendizagem, sendo de admitir que um “*background*” de experiências rico e variado tende a melhorar o nível da linguagem oral.

Considera-se indispensável que se tenha sempre presente o ambiente do aluno, em que se incluem os factores físicos, biológicos e sócio-culturais, pois têm uma influência decisiva na educação integral dos alunos. O professor desempenha um papel preponderante na modificação dos factores ambientais negativos que existem na Escola e nos seus arredores, no seio da Família e da Comunidade. Por isso, há necessidade de integrar na Família e na Comunidade as tarefas que se destinam a modificar favoravelmente os factores ambientais que possam dificultar a educação dos alunos, mas para tal é preciso integrar os pais por via de conselhos de pais.

2.2 Papel da Escola e do Professor no Desempenho Escolar dos Educandos

A Escola e os professores desempenham um papel preponderante no desempenho escolar dos alunos. A Escola tem a missão de criar condições para que os alunos aprendam, mesmo quando estes apresentam dificuldades em aprender.

Na perspectiva do Loureiro (2005), a idade da criança, as anomalias físicas, a sua vulnerabilidade, a quantidade e a qualidade de incidentes anteriores e posteriores da separação dos pais, o nível social e económico do agregado familiar, as pressões do meio sócio-cultural, etc., são elementos que junto ou separadamente agem sobre o comportamento da criança e, por consequência, sobre a natureza das suas reacções efectivas.

Concordo com o posicionamento do Loureiro (2005) dado que os factores que ele levanta podem efectivamente influenciar no desempenho escolar dos educandos. Entretanto, o professor, pelo papel que tem na sociedade é suposto ajudar o aluno a ultrapassar os seus problemas, tornando-os (problemas) numa oportunidade para melhorar o desempenho escolar dos educandos.

No entanto, Conteras (1999) destaca duas dimensões da profissionalidade docente:

A primeira dimensão da profissionalidade docente deriva do facto de que o ensino supõe um compromisso de carácter moral para quem o realiza. Este compromisso ou obrigação moral confere a actividade de ensino um carácter que como assinalou Sockett (1989) citado por Conteras (1999), se situa acima de qualquer obrigação contractual, que possa ser estabelecida na definição de emprego.

Segundo Conteras (1999), a obrigação moral incorpora a noção da pessoa humana livre, o que é simultaneamente uma conquista a que se aspira um estatuto moral sobre o qual se realiza a prática educativa.

Por isso, acima das conquistas académicas, o professor deve estar comprometido com todos os seus alunos em seu desenvolvimento como pessoas, mesmo sabendo que isso traz tensões e dilemas, é preciso atender o avanço na aprendizagem dos seus alunos, sem se esquecer das necessidades e de reconhecimento do valor que como pessoas, lhe merecem todo o aluno, (Conteras, 1999).

Deste modo, o professor deve estar atento às diferentes características e problemas de seus alunos, quer sociais quer económicos. O professor deve traçar estratégias e técnicas para fazer face aos problemas apresentados pelos alunos, de forma a evitar que, os antecedentes sócio-económicos da criança influam negativamente no P.E.A.

A segunda dimensão da profissionalidade docente, de acordo com Conteras (1999) deriva da relação com a comunidade social, na qual os professores devem realizar sua prática profissional.

As obrigações morais do professor, a ética de suas actuações, poderiam associar-se a uma imagem de professores como profissionais isolados. No entanto, precisamente porque seu trabalho tem implicações éticas muito importantes, estão em relação com o contraste e discussão dos princípios normativos e as realizações concretas dos mesmos. (Conteras, 1999).

A moralidade não é um facto isolado, mas ao contrário, um fenómeno social, produto de nossa vida em comunidade na qual é preciso resolver problemas que afectam a vida das pessoas e o seu desenvolvimento e que precisam elucidar o que é moralmente adequado para cada caso.

Conteras (1999) destaca ainda que a educação não é um problema da vida privada de professores, mas uma ocupação socialmente encomendada e responsabilizada publicamente. Por isso, as autoridades educacionais devem estar conscientes que o seu papel de educadores vai para além de ser simples transmissor de conhecimento, mas também deve ser uma pessoa que resolve problemas dos seus educandos, mas para tal precisa conhecer profundamente os seus alunos.

Isto pressupõe que as práticas profissionais não se constituem como isoladas e sim como partilhadas. Somente nos contextos sociais públicos, a obrigação ética pode alcançar sua dimensão adequada. Mas também é necessário entender que a responsabilidade pública envolve a comunidade na participação das decisões sobre o ensino.

Numa outra abordagem, de acordo com Dos Santos e Paulino (2006):

a integração da estrutura social com a estrutura escolar só se dá mediante a reprodução das relações sociais, no conjunto das contradições que permeiam a sociedade de classes. Portanto, o sucesso do individuo está intimamente ligado a sua educação, o seu nível de instrução e não ao seu meio de origem ou fortuna de que dispõe, porque o talento está no individuo, independentemente de seu estatuto ou condição material. Por isso, a escola deve ajudar aos alunos a superar as desigualdades sociais, oferecendo oportunidades iguais a todos que a frequentam(79).

Numa outra perspectiva, Gray (1956) citado por Marques (1991) afirma que outra condição para aprendizagem do aluno é a estabilidade emocional do aluno. Segundo Marques (1991), os primeiros fracassos na aprendizagem da leitura podem provocar problemas emocionais que levam a criança a detestar a leitura, a duvidar das suas capacidades e a evitar todas as actividades relacionadas com a escrita.

Ainda Gray (1956) citado por Marques (1991), afirma que este ciclo (fracassos na aprendizagem, instabilidade emocional, desinteresse pela leitura) tem que ser evitado, visto que, o sucesso e o gosto pela leitura dependem, em certa medida, das primeiras

relações da criança com essas actividades extremamente complexas. Por isso, um educador deve ser uma pessoa muito atenciosa, dado que os P.E.A são delicados, precisam duma pessoa atenta à todos os níveis da criança.

A Escola, portanto, tem a responsabilidade de organizar as actividades docentes de forma a contribuírem para um crescente interesse pelo estudo, para eliminar todos os mecanismos que originem desinteresse e falta de auto-estima por parte dos alunos.

Outra perspectiva trazida por Vygosky (1989) citado por Dos Santos e Paulino (2006) é a do sujeito compreendido como ser social, que se constitui na e pela cultura, em determinado momento e contextos históricos, sendo os modos de acção, a consciência e a subjectividade humana produto das relações interpessoais, a partir de determinadas condições sociais, culturais e históricas.

Porém, Szymansky (2001) afirma que “uma instituição de ensino não substitui uma Família, mas com um atendimento adequado, pode dar condições para a criança e o adolescente desenvolverem uma vida saudável no futuro”.

Subscervo nas palavras do Szymansky (2001), pois, em função das condições do meio e das boas relações existentes entre as crianças, entre os colegas e entre os membros da instituição escolar, são determinantes para que o aluno desenvolva as suas habilidades psicológicas e ou académicas.

Mas, substituir a educação e cuidados da Família pela Escola pode inibir a criança a adquirir experiências de relacionamento afectivo familiar, as quais são essenciais e indispensáveis para a formação e construção da identidade e personalidade do aluno.

Por isso, a Família que transfere suas responsabilidades para outros, como por exemplo, para o professor, que já tem conhecimentos sobre o funcionamento do sistema escolar e acaba por valorizar e aceitar a ajudar o aluno, não contribui para a escolarização dos filhos (Szymansky, 2001).

Por isso mesmo, Szymansky (2001) afirma que o ideal é que se desenvolva um trabalho envolvendo o educando e a Família, numa relação recíproca, assim como Escola-Família,

pois, as influências dos dois meios são indispensáveis para a formação e construção da identidade de sujeitos.

Numa outra análise, Barroso (1995) citado por Canário *et al.* (2001), afirma que o mau desempenho escolar dos alunos, inicia a partir do momento em que se verifica a passagem de uma relação dual (mestre–aluno) para uma relação mestre–classe em que se pretende “ensinar muitos como se fossem um só”. Segundo Barroso (1995) é preciso evitar P.E.A homogêneos. É um grande erro pensar que os alunos aprendem todos da mesma forma. O professor deve estar consciente que cada aluno tem o seu estilo de aprendizagem, por isso é preciso usar metodologias de aprendizagem diferenciadas e alternadas.

Silva (2010) realça que a Escola deve oferecer ocasiões de diálogo, de convivência e de inclusão na vida escolar e promover a extensão da função educativa para os pais e a participação destes nas decisões da instituição de ensino, pois, só assim que eles terão as condições necessárias para influenciar as acções e os objectivos da Escola e estarão investindo na melhoria da qualidade da educação de seus filhos bem como na melhoria de sua própria qualidade de vida.

Por seu turno, Assis (1994) afirma que é papel da Escola promover o desenvolvimento do individuo, tornando-o capaz de enfrentar múltiplas situações. Ele afirma ainda que a Escola é uma das instâncias mais importantes da sociedade, onde, a sua função é ensinar, não se limitando a simples tarefa de transmissão de conteúdos, visto que, o conteúdo, por si só, não desenvolve as habilidades mentais necessárias à formação de um raciocínio flexível e criativo.

Na óptica de Polonia & Dessen (2005) cabe a instituição de ensino, o reconhecimento da importância da colaboração dos pais no projecto escolar, o auxílio as famílias no exercício de seu papel na educação, no desenvolvimento e no sucesso profissional de seus filhos e, concomitantemente, na transformação da sociedade, por um lado.

Por outro, afirmam que a Escola é um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ideias, crenças e valores, por isso, ela deve ir para além da apreensão de conteúdos,

buscando a formação de cidadãos inseridos na sociedade, críticos e agentes de transformação.

Segundo Teixeira (1995), a Escola substitui, ou melhor, completa a educação social e cultural recebida na Família, por vezes com um sentimento mais ou menos confessado de rivalidade.

Piaget (2000) afirma que a Escola tem por obrigação transmitir modelos culturais, valores, conhecimentos e competências. Ela tem por função primeira, criar a comunidade, ou seja, dar a todos a bagagem comum de conhecimentos, de técnicas, de sentimentos que constituem uma Nação e mesmo, amplamente a Humanidade.

Para Piaget (2000), a Escola tem três (3) funções, por um lado: i) de educar, visto que, está ligada ao projecto de construção de uma pessoa capaz de flexibilizar, de se auto-determinar, de se auto-regular em função das suas análises racionais das situações que é levada a enfrentar.

ii) de distribuir, visto que, a Escola atribui qualificações escolares que possuem uma certa utilidade, na medida em que, alguns empregos, posições ou estatutos estão reservados aos diplomados. Por outro. iii) de socializar o indivíduo, na medida em que, a Escola deve formar indivíduos adaptados a sociedade em que vivem. Para isto, deve fazer com que integrem normas, hábitos, conhecimentos, valores que privilegiem o grupo social ao qual são chamados a se integrarem, dando desta feita, resposta as exigências sociais da sociedade.

Detry e Cardoso (1996) afirmam que o professor tem a função de dotar a criança e o adolescente de capacidades que o tornem um membro produtivo de uma sociedade de adultos. Para tal, o professor deve transmitir as novas gerações um conjunto de competências indispensáveis a vida colectiva.

2.3 Papel da Família no Desempenho Escolar dos Educandos

Canário *et al.* (2000) afirmam que os pais devem ter uma tática muito delicada em relação aos filhos, dado que, o desrespeito pelos amigos da criança, o facto de não

respeitar nos horários e nas actividades da criança de acordo com o seu horário de interesse, assim como providenciar vários tipos de actividades e estímulos, tais como: Escola, natação, basketball, "mesadas" podem atrapalhar a criança na aprendizagem.

Portanto, dar a criança cuidados e estímulos excessivos pode ser prejudicial para a criança, pois, há pais que sobrecarregam a criança com vários tipos de actividades e estímulos, tais como: Escola, natação, basketball, inclusive as "mesadas", etc. Isto pode ser excessivo e prejudicial para uma criança que vai a Escola, assim como para a Família, porque algumas crianças que beneficiam das "mesadas", por exemplo, os pais ou encarregados de educação para além de providenciarem roupas e uniformes escolares, material didáctico, etc., ainda lhes dão "mesadas", as quais muitas vezes são aplicadas em situações completamente desconhecidas pelos pais ou encarregados de educação, como são os casos de drogas, de álcool, etc. Isto é devido ao fraco ou a falta de acompanhamento por parte de alguns pais, situação esta, que pode influenciar negativamente no desempenho escolar do educando.

Por seu turno Strick e Smith (1998) citados por Beleboni (2001), ressaltam que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal. As crianças que recebem um incentivo carinhoso durante toda a vida tendem a ter atitudes positivas, tanto sobre a aprendizagem quanto sobre si mesmas. Essas crianças buscam e encontram modos de contornar as dificuldades, mesmo quando são bastante graves.

Concordando com o posicionamento de Beleboni (2001), sobre o papel da Família na educação da criança, Prado (1981) afirma que a Família influencia positivamente no desempenho escolar dos filhos quando transmite afectividade, apoio e solidariedade e negativamente quando impõe normas através de Leis, dos usos e dos costumes.

Partilho o posicionamento de Beleboni (2001) visto que se a Família é muito agressiva, o ambiente doméstico é turvo, não oferecendo condições mínimas para a criança rever, estudar as matérias escolares assim como aprender dos pais, se a criança não tiver o afecto e carinho necessários e adequados, há mais possibilidades desta ter um fraco desempenho escolar.

Por isso mesmo, a Família tem maior responsabilidade na educação dos indivíduos, por esta estar em constante contacto com o educando em casa. Portanto, a ausência dos pais na educação dos seus filhos e substituí-la por outra instituição, neste caso a Escola, pode provocar uma insegurança emocional na criança, prejudicando-a no seu enquadramento social e escolar.

É neste contexto que o Conselho Nacional da Criança de Angola (2009), citado por Mário (2010) afirma que a participação das crianças e das famílias classificadas como vulneráveis na concepção e implementação de projectos de apoio afigura-se de extrema importância para o seu sucesso.

O referido Conselho (2009) destaca a criação de uma parceria entre a Escola e a Comunidade, onde todo o projecto escolar parta de contribuições e pontos de vistas dos pais ou encarregados de educação, assim como participarem no desenho de projectos escolares e na tomada de decisões. Mas para tal, é preciso que a Escola dê espaço para que os pais participem e contribuam.

Contudo, Maturana (1997) ressalva que o controlo dos instintos humanos requer uma Família disponível e consciente da sua responsabilidade para preparar a criança a assumir seu lugar na sociedade.

Ainda no mesmo aspecto, Maturana (1997) afirma que a vida em Família é onde se inicia a aprendizagem emocional, nesse caldeirão íntimo aprendemos como nos sentir em relação a nós mesmos e como os outros vão reagir a eles, aprendemos como avaliar nossos sentimentos e como reagir a eles, aprendemos como interpretar e manifestar nossas expectativas e temores. Aprende-se tudo isso e não somente através do que nossos pais fazem e do que dizem, mas também através do modelo que oferecem quando lidam, individualmente com os seus próprios sentimentos e com aqueles sentimentos que se passam na vida conjugal.

Corroboro com a ideia do Conselho Nacional da Criança de Angola (2009) e de Maturana (1997), na medida em que, para se assegurar que a criança tenha sucessos na sua vida escolar, profissional, social e futura, é importante que os pais estejam presentes físico e

moralmente no dia-a-dia escolar da criança, é preciso que os pais acompanhem e concedam afecto moral ao seu educando.

Pais emocionalmente inteligentes são em si de enorme proveito para a criança. Observa-se que a maneira como um casal lida com os seus sentimentos além do trato directo com a criança, transmite também sábias lições para os seus filhos.

A mesma apreciação é feita por Àvila (1996) quando afirma que a Família é a única instituição social que se encontra em todos os tempos e em todas as culturas, a sua observação é acessível a todos porque constitui para nós uma experiência quotidiana.

Isto significa que, em todas as sociedades, a Família constitui o principal núcleo da organização social, ela garante a segurança social e a sobrevivência dos indivíduos desde a sua nascença até ao estado adulto. É na Família, onde o indivíduo aprende a se relacionar com o mundo e com os outros, ou seja, as primeiras relações que o indivíduo estabelece com os outros têm como origem a Família.

Em concordância com a posição de Àvila (1996), Del Prette e Dessen (2005) afirmam que se os pais estabelecerem um ambiente familiar acolhedor e organizarem contextos favoráveis para o desenvolvimento da criança, este pode ser um factor de protecção diante de eventos ameaçadores a que usualmente as crianças estão expostas.

Em contrapartida, a exposição da criança a práticas parentais inadequadas (conflitos, violência, coerção) ou o baixo envolvimento com o pai ou com a mãe se constituem em factores de risco para o desenvolvimento infantil, aumentando a vulnerabilidade a eventos ameaçadores, externos ao ambiente familiar, como práticas delinquentes e envolvimento com drogas (Gomide, 2003).

Concordo com a visão apresentada por Àvila (1996) e por Del Prette e Dessen (2005), visto que eles complementam-se, na medida em que, o primeiro afirma que uma criança que tem uma Família bem estruturada e com um ambiente calmo para o desenvolvimento e crescimento da criança, esta tem mais possibilidades de crescer longe de vários problemas que circundam o seu meio, enquanto, o caso de uma Família mal estruturada, em conflito e em violência, sobretudo, entre os progenitores até mesmo em relação à

criança, esta tem maior chance de crescer traumatizada e como consequência ter um desempenho escolar muito baixo.

Gomide (2003) ressalta ainda que um ambiente cultural pressupõe o contacto frequente com livros e histórias, visitas ao jardim zoológico, Museus e Bibliotecas e o envolvimento frequente em jogos educativos e conversas com adultos. Tal ambiente proporciona as crianças o domínio de uma competência essencial, a capacidade para atender e seguir instruções, a qual, no entender de Hester (1969) citado por Marques (1991) desempenha um importante papel na aprendizagem da leitura, pois, esta implica a capacidade de lembrar itens em sequência e de seguir ordens orais.

Corroboro com Marques (1991), visto que a aprendizagem de uma criança não se cinge apenas a Escola, para além de ir à Escola e adquirir conhecimentos previamente concebidos, ela precisa de se imiscuir em outros ambientes que muitas vezes não fazem parte do plano curricular da Escola. É neste âmbito que a criança aprende de forma natural sem que necessariamente faça grande esforço mental.

Portanto, o contacto frequente com livros e histórias, visitas ao jardim Zoológico, Museus e Bibliotecas e o envolvimento frequente em jogos educativos e conversas com adultos, podem favorecer a aquisição de conhecimentos de uma forma livre e espontânea, sem nenhuma regras. Na conversa com adultos, por exemplo, a criança vai adquirir conhecimentos que a Escola não dá, é com conversas com adultos que a criança vai se sentir protegida e ganhar confiança de si mesma, o que poderá influenciar no seu desempenho escolar.

É neste contexto que Marques (1991) recomenda a constituição de uma comissão de orientação vocacional que se encarrega pela planificação de actividades nos diferentes níveis de ensino, com o fim de promover interesses nos jovens que conduzam as profissões, envolvendo os pais ou encarregados de educação.

Por seu turno, Nóvoa (1975) afirma que se torna necessário o fortalecimento dos conselhos de Escola com fim de introduzir um trabalho mais directo e educativo com os pais dos alunos. A criação e o estabelecimento das escolas do país, dependendo directamente do conselho da Escola, não como uma instituição, mas como um programa

de actividades dirigido ao aspecto educativo no seu sentido mais amplo, foi considerado muito importante para a formação integral do aluno num desenvolvimento harmónico da sua saúde mental, física e social.

É assim que a revisão de Mittler (2003) citando Toppings (1986) mostra que os pais que vivem em áreas de pobreza e de desvantagem estavam igualmente interessados em ajudar as suas crianças a aprenderem como qualquer outra Família.

Eles cooperam pronta e consistentemente, uma vez que estão convencidos de que uma Escola ou um projecto particular está comprometido com o apoio das suas crianças para que elas aprendam genuinamente e, por meio da educação, escapar da pobreza para uma vida melhor.

É sempre importante a criação de um conselho de pais nas escolas, visto que este, irá ajudar a Escola a resolver problemas dos alunos que são também seus educandos. A comissão de pais estando envolvida na Comunidade escolar terá também suas responsabilidades na educação dos filhos e a Escola não será a única instituição com a missão de educar aos alunos.

Mittler (2003) citando Toppings (1986) afirma que por muitos anos, conhece-se o facto de que as crianças aprendem a ler melhor e com maior prazer se os seus pais escutam suas leituras, até mesmo se isso acontece durante somente alguns minutos por dia, e são significativamente ajudados quando os pais lêem para elas.

É nesta perspectiva que Vygotsky (1989) afirma que o auxílio prestado a criança em suas actividades de aprendizagem é válido, pois, aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará realizando sozinha.

Portanto, Vygotsky (1989) chama atenção dos pais ou encarregados de educação da necessidade de valorizarem a sua interacção com os seus educandos e da importância de boas relações sociais entre os progenitores para o bom desempenho dos educandos nos P.E.A. É preciso que os pais acompanhem incondicionalmente aos seus educandos no seu dia-a-dia escolar, pois, só com um acompanhamento adequado e consciente, as crianças serão capazes de desenvolver actividades futuras sem a participação directa dos pais.

Cury (2003) afirma que se querem ser pais brilhantes não apenas ter o hábito de dialogar com seus educandos, mas também de contar histórias. Cativem vossos filhos pela vossa inteligência e afectividade, não pela vossa autoridade, dinheiro ou poder. Tornem-se pessoas agradáveis, influenciem o ambiente onde eles estão.

Portanto, em vez dos pais substituírem a sua presença pelo dinheiro ou pelo poder ou até pelos empregados, é necessário que eles dêem aos filhos um afecto moral e emocional, ter tempo de conversar com os educandos sobre prováveis problemas e ou dificuldades que possam estar a enfrentar na Escola, conhecer as ambições e perspectivas futuras dos seus educandos e (re) direccioná-los se for o caso, assim como conhecer, se possível escolher o tipo de amizade para os seus educandos.

Deste modo, Mittler (2003) citando Toppings (1986), Vygotsky (1989) e Cury (2003) convergem pelo menos num único ponto, quando eles insistem na necessidade de se acompanhar os educandos, através do carinho, do afecto, do interesse e do respeito nas actividades que realizam, visto que estas acções têm muita importância no desenvolvimento emocional e no desempenho escolar da criança. Enfatizam, igualmente, sobre a necessidade dos pais acompanhar os seus filhos, independentemente da sua condição, quer social, quer académica, quer económica, pelo facto do contexto familiar ser fundamental para os P.E.A., pois tem a missão de desenvolver a sociabilidade, a afectividade e o bem-estar físico e escolar dos indivíduos.

É no ambiente familiar e escolar que o sujeito se prepara de acordo com os padrões culturais e sócio-históricos pré-definidos para actuar na sociedade. A Família e a Escola constituem-se como referências fundamentais para a formação do educando e é nessa articulação que a educação acontece de forma insubstituível. É necessário que haja a aproximação desses dois contextos a partir de uma acção colectiva, que complete a acção, já que tanto o contexto familiar quanto o contexto escolar apresentam aspectos positivos e negativos.

As tarefas de aprendizagem da criança não se esgotam na Escola. A criança aprende na Escola, mas também aprende na Família e na Comunidade. Daí a necessidade de clarificar o papel dos pais ou encarregados de educação no acompanhamento e apoio a

aprendizagem dos seus filhos. Tal clarificação deve resultar no entendimento de que a aprendizagem da criança é uma responsabilidade partilhada entre a casa e a Escola.

Quando esta partilha de responsabilidades ocorre, o nível e o tipo de envolvimento dos pais e o apoio das famílias às actividades da Escola também aumentam. E quando a partilha de responsabilidades entre a Escola e a Família se estende, a Comunidade no seu todo, as crianças usufruem de mais oportunidades para aprenderem de forma significativa, isto é, elas conseguem perceber a ligação entre o currículo escolar e as competências requeridas no mundo real.

Contudo, de acordo com Maturana (1997), o controlo dos instintos humanos requer uma Família disponível e consciente da sua responsabilidade para preparar a criança a assumir seu lugar na sociedade.

Maturana (1997) afirma que para se assegurar que a criança tenha sucessos na sua vida escolar e futura, é importante que os pais estejam presentes no seu dia-a-dia escolar, eles devem conceder afecto moral ao seu educando, é preciso que estejam, igualmente, fisicamente presentes no dia-a-dia da criança.

Para autores como Polonia & Dessen (2005), a Família exerce uma função muito importante no desenvolvimento e na aprendizagem humana. Ela é a primeira a incluir, por meio do ensino da língua materna, dos símbolos e das regras de convivência em grupo, as crianças no mundo cultural e é quem transmite para elas a educação geral e parte da formal, em colaboração com a Escola.

Por seu turno, Malavazi (2000) aponta que compete a Família, o auxílio na organização escolar e na transmissão do equilíbrio emocional e afectivo para a formação humana das crianças.

A educação é um dever da Família e da Escola. Ambas devem interagir para garantir os direitos da criança nas questões referentes ao ensino, dando-lhes suporte e apoio para o pleno desenvolvimento da aprendizagem.

Malavazi (2000) reitera ainda que o auxílio nas tarefas de casa e no acompanhamento dos filhos nas reuniões escolares são os mais importantes meios de interação dos pais com a Escola. Em relação as tarefas de casa, Paula (2000) citando Libâneo (1991) destaca que, os pais ao auxiliarem seus filhos estarão mantendo uma ligação com o trabalho realizado na Escola.

Segundo Teixeira (1995), a Família omnipresente, actua de uma forma directa ou difusa na educação social e moral do aluno. A Família permanece a instituição central, a célula social incontestada.

A criança educa-se e socializa-se no contacto com o adulto. Pode pôr a prova o seu saber nas relações com outras crianças, mas é junto do adulto que fará a sua aprendizagem da vida em sociedade.

De acordo com Detry e Cardoso (1996), a Família detém uma posição crucial no suporte afectivo e na integração juvenil, nos vários domínios: identificação social, integração/formação escolar, acesso ao emprego. A Família é também vista como um sistema emocional. Ela é o primeiro meio onde a criança, o adolescente, o jovem vão sendo progressivamente postos em contacto com a Família e depois com a Comunidade e vão adquirindo um conjunto de normas, de padrões de comportamento, de formas de estar, que constituem a cultura da sua própria Comunidade ou grupo social.

Detry e Cardoso (1996), sustentam que as famílias representam uma forte capacidade de arbitragem dos percursos educativos das crianças e de jovens. O estatuto sócio-económico e cultural das famílias dependerá do investimento, em termos de tempo e dinheiro, no apoio escolar, compra de material, ajuda na realização dos trabalhos de casa e em actividades escolares.

2.4 Importância da Ligação Escola–Pais no Desempenho Escolar dos Alunos

A ligação Escola–pais desempenha um papel importantíssimo no desempenho escolar dos educandos. Se os pais e a Escola mantiverem uma comunicação e contacto permanentes

pode se desenvolver um ambiente que favorece um desenvolvimento de prática escolares positivas.

É neste contexto que Piaget (1990) afirma que uma ligação estreita e continuada entre os professores e os pais leva, pois, a muita coisa mais que a uma informação mútua, este intercâmbio acaba por resultar em ajuda recíproca e frequentemente em aperfeiçoamento real dos métodos. Ao aproximar a Escola da vida ou das preocupações profissionais dos pais e ao proporcionar, reciprocamente, aos pais o interesse pelas coisas da Escola, chega-se até a uma divisão das responsabilidades. Os conselhos de pais e de professores reunidos constituem os verdadeiros inspiradores da pedagogia nova e realizam dessa forma a síntese desejada entre a Família e a Escola.

Piaget (1990) afirma ainda que importa dar regularmente informações aos pais sobre as diversas formas de avaliação do seu filho na Escola, bem como, o que resulta disso. Os pais precisam ter essas informações para desempenhar seu papel. Essa necessidade aumenta quando se vislumbram no horizonte uma selecção e uma orientação cuja chave parece ser a avaliação.

Porém, esperar um grande desprendimento disso é ainda mais irrealista se o sistema educacional, pratica uma selecção precoce, severa, pouco negociada e relativamente irreversível. Entende-se nesta reflexão de Piaget (1990) que a Escola não deve desenvolver as suas actividades escolares isoladamente, deve envolver a Comunidade nas suas iniciativas e projectos escolares, só deste modo haverá partilha de responsabilidades entre a Escola e a Comunidade, evitando desta forma o desenvolvimento de actividades separadamente, quer ao nível familiar quer ao nível escolar.

Por isso, os pais precisam de uma informação regular para assumir as suas responsabilidades. Seria, pois, absurdo lhes pedir que esperassem o balanço de final de ciclo, para serem informados dos progressos de seu educando.

Os pais têm direito a uma informação mais constante. Para informar os pais, deveria ser suficiente que os professores fizessem um esforço periódico de síntese e de tradução de elementos que devem, de qualquer forma, reunir para guiar as aprendizagens (Piaget, 1990).

Concordo com Piaget (1990), visto que se houver uma comunicação constante e um diálogo fluente entre a Escola e a Comunidade, onde a Escola informa a Comunidade sobre o desempenho de seus educandos e por sua vez, a Comunidade informa a Escola sobre as características e as condições dos alunos, a Comunidade escolar facilmente agirá sobre os alunos e vice-versa. Por isso urge a necessidade de um contacto permanente entre ambas as partes.

Com efeito, Perrenoud (2004) chama atenção na necessidade de saber como informar aos pais em intervalos bastante próximos para que eles possam “acompanhar” a progressão do seu filho, fazendo com que essa informação, não se torne permanente, invasiva e finalmente, insignificante e que inclusive não desvie os professores da regulação da aprendizagem. Na visão de Perrenoud (2004) a avaliação funciona para os pais não como uma medida, mas como uma mensagem de indicador de tendência, um diário de bordo tranquilizador ou inquietante.

Todavia, de acordo com Postic (1995) os pais já não dão, em muitos casos, apoio a elaboração de um projecto pessoal, porque eles próprios se encontram em crise. Além disso, no meio escolar, o adolescente enfrenta situações em que ele se põe a prova, quer no plano cognitivo, quer no plano social.

Entretanto, a Escola pode ter o princípio de ligação entre a Escola e a Comunidade, mas devido à crise que afecta os pais, como por exemplo, ter vários empregos, stress, ansiedade, pode fazer com que a Comunidade esteja ausente no desenho de projectos educacionais e na discussão dos problemas que afectam a Escola e na proposta de soluções para os mesmos.

Segundo Mittler (2003), por um lado, a separação entre a Escola e a Comunidade é devido ao vendável de mudança que assolou as escolas nos anos 90. Isto deixou pouco tempo para o desenvolvimento de novos modos de envolver os pais da Comunidade em parcerias com escolas.

Por outro, a separação entre a Escola e a Comunidade é também devido às seguintes razões: Quantos professores podem lembrar-se de qualquer atenção que lhes foi dada

para trabalhar com os pais durante o curso universitário? Quantos tiveram oportunidades para frequentar capacitações de um dia ou cursos sobre as necessidades de pais e famílias e como eles poderiam trabalhar juntos? Quantos tiveram a oportunidade para escutar os pais que falam sobre as suas necessidades e percepções (Mittler ,2003) ?

Segundo Mittler (2003) não é apenas uma questão de capacitação em um sentido convencional, mas de professores que têm oportunidades para exaltar a sua auto-consciência e pensar nas suas atitudes com relação as famílias dos seus alunos, como eles percebem e se relacionam com elas.

Por isso, todas as escolas deviam ter sua própria política de relação casa- Escola para ir além de palavras bonitas e para incluir propostas concretas a fim de alcançar melhores relações de trabalho com os pais e com a Comunidade local. Visto que, apesar da retórica sobre a importância do trabalho com os pais, não há nenhuma exigência legal para escolas ou autoridades educacionais terem uma política escrita detalhada sobre o trabalho com os pais, (Mittler, 2003).

Portanto, a falta de envolvimento entre a Escola – pais pode estar ligado à falta de formação específica por parte dos professores em lidar-se com os pais ou encarregados de educação.

Mittler (2003) frisa ainda que, os pais e as mães são os primeiros, os principais e os mais duradouros educadores de suas crianças. Quando pais e profissionais trabalham juntos durante a infância, os resultados têm um impacto positivo no desenvolvimento da criança e na sua aprendizagem. Então, cada etapa do desenvolvimento deve buscar uma parceria efectiva com os pais.

Segundo Mário (2010) há várias pesquisas recentes em diferentes partes do mundo que permitiram documentar um bom número de práticas consideradas eficazes no relacionamento entre a Escola como instituição de formação e a respectiva Comunidade. Elas vão desde intervenções deliberadamente planejadas pela Escola em benefício da Comunidade circundante, a esforços no sentido de estabelecer parcerias duradouras entre a Escola, a Família e a Comunidade.

Concordo com Mário (2010), visto que, para que haja um bom desempenho em actividades escolares desenvolvidas quer em casa quer na Escola, para que haja sucesso nas acções planificadas e perspectivadas pela Escola e Comunidade é preciso que haja coordenação mútua entre a Escola e a Comunidade e ou com a Família. Em outras palavras, os pais devem conhecer as actividades planificadas pela Escola, mas para tal, a Escola deve criar condições para que os pais ou encarregados de educação se aproximem à Escola. Por sua vez, a Escola deve procurar conhecer os seus alunos, conhecer o tipo de Família de onde eles provém e sua estruturação, etc., para permitir que os alunos tenham uma aprendizagem efectiva.

Ainda sobre o acima postulado, Mário (2010) afirma que, a Escola sendo uma organização dinâmica, sujeita as normas de funcionamento definidas pelo órgão que a tutela e superintende, se estiver em permanente sintonia e diálogo com a respectiva Comunidade poderá ter melhores resultados. Naturalmente, isto acarreta responsabilidades acrescidas para todos os membros de Comunidade escolar, a começar pelos administradores escolares.

Em face disso, Williams e Chavkin (1989) citados por Mário (2010) concluem que a capacidade e a disponibilidade dos administradores escolares recrutarem e acolherem as contribuições de pais e outros membros da Comunidade para tarefas escolares, para escutar e valorizar pontos de vistas diferentes e para partilhar a tomada de decisões importantes são uma condição *sine qua non* para que uma verdadeira parceria entre a Escola, a Família e a Comunidade tenha lugar.

Ainda Williams e Chavkin (1989) citados por Mário (2010) revelaram que as pessoas não são máquinas anónimas, quanto mais sentirem que a sua contribuição no grupo é apreciada, tanto melhor funcionarão. Quanto mais forem diversificadas as contribuições, até mesmo, às vezes, contraditórias, a caminhada tende a ser rica e fecunda, o facto de poder exprimir livremente as suas opiniões e sentimentos, sem se sentir humilhado ou encabulado, é um factor muito positivo para o aprendizado, porque essa liberdade ensina membros do grupo algo de fundamental importância, que é ter confiança em si mesmo.

A Escola precisa de uma ligação e de uma relação de cooperação com a Família, pois, os professores precisam conhecer as dinâmicas internas e o universo sócio-cultural

vivenciados pelos seus alunos, para que possam respeitá-los, compreendê-los e que tenham condições de intervir no providenciar de um desenvolvimento nas expressões de sucesso e não de fracasso diagnosticado. Precisam ainda, dessa relação de parceria para poderem também compartilhar com a Família os aspectos de conducta do filho: aproveitamento escolar, qualidade na realização das tarefas, relacionamento com professores e colegas, atitudes, valores, respeito às regras (Reis, 2007).

Ainda Reis (2007) salienta que a Escola nunca educará sozinha, de modo que, a responsabilidade educacional da Família jamais cessará. Uma vez escolhida a Escola, a relação com ela apenas começa. É preciso o diálogo entre a Escola, os pais e os filhos. Porém, a Escola deve, também, exercer sua função educativa junto aos pais, discutindo, informando, orientando sobre os mais variados assuntos, para que em reciprocidade, a Escola e a Família possam proporcionar um bom desempenho escolar e social às crianças.

De acordo com Maldonado (1997), a falta de um contacto mais próximo e afectuoso, entre a Família e a Escola propicia as condutas caóticas e desordenadas, que se reflectem em casa e quase sempre, na Escola em termos de indisciplina e de fraco desempenho escolar.

Portanto, é indispensável a participação da Família na vida escolar dos filhos, pois, crianças que percebem que seus responsáveis estão acompanhando de perto o que está acontecendo, que estão verificando o desempenho escolar, perguntando como foram as aulas, questionando sobre as tarefas, etc. tendem a se sentir mais seguras e em consequência apresentam um melhor desempenho nas actividades escolares.

Baseando-se nos estudos realizados pelos autores acima referenciados, pode-se afirmar que a Família tem o papel de cuidar e de educar as crianças, visto que a sua educação desempenha um papel preponderante na educação formal, dado que a educação da Família, permite a aquisição de valores éticos e humanos. A Escola, por sua vez, tem o papel de proporcionar a educação formal bem como a promoção do desenvolvimento físico, social, intelectual, emocional, moral e afectivo dos alunos.

Portanto, a ligação entre ambas as instituições (Família-Escola) é imprescindível na formação integral da criança/educando bem como na melhoria do seu desempenho escolar.

2.5 Sumário

O segundo capítulo buscou, através de vários autores, as ideias principais da influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar do educando. Os resultados das conclusões deste capítulo mostram, igualmente, que o educando apresenta um bom desempenho escolar quando:

- Os pais ou encarregados de educação apoiam em material didáctico.
- Os pais ou encarregados de educação e a Escola apoiam nos trabalhos escolares
- Os pais ou encarregados de educação dialogam permanentemente com os seus educandos
- Os pais ou encarregados de educação visitam os seus educandos na Escola
- Há partilha de responsabilidades entre a Escola e a Comunidade
- A Escola valoriza as experiências dos alunos
- A Escola aproxima-se, estabelece parceria e colabora com a Comunidade
- Há um conselho de pais na Escola

Operacionalizando o quadro acima exposto, pode-se afirmar que este capítulo debruça-se acerca da importância da Ligação Escola–Pais no desempenho escolar dos alunos. A sua permanente colaboração resulta em boas práticas escolares dos educandos. Entretanto, a aproximação entre os dois meios (Escola-Pais) depende da abertura da Escola e da criação de estratégias e técnicas de aproximação dos pais ou encarregados de educação.

Outra conclusão, neste capítulo, é a importância do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos, apoio este, que se manifesta através da sua inserção nas actividades escolares: perguntar sobre o decurso das aulas, valorização do diálogo com os professores e com os educandos e visitas regulares na Escola, entre outras.

Outro aspecto que este capítulo realça é, por um lado, a necessidade dos professores ajudarem o aluno a ultrapassar os seus problemas, traçando estratégias e técnicas como forma de apoiá-lo. Por outro, a Escola deve discutir, orientar e informar os pais ou encarregados de educação para que haja uma divisão de responsabilidades. Esta parceria deve ser estabelecida através de reuniões regulares.

Desta revisão da literatura conclui ainda que as experiências dos alunos são indispensáveis nos P.E.A. A sua desvalorização pelos professores, pelos membros da Direcção da Escola, ora, em geral, pela Escola pode ditar a um fraco desempenho escolar nas aprendizagens dos alunos, visto que o aprendizado é resultante de experiências acumuladas.

Depois da apresentação do segundo Capítulo sobre a revisão da literatura, a seguir apresento o terceiro capítulo, sobre a opção metodológica da investigação.

Capítulo 3: Metodologia

O terceiro capítulo apresenta a opção metodológica, a população, método de abordagem, os métodos da extracção da amostra, as técnicas e os instrumentos de recolha de dados e, por fim, o plano de análise de dados.

Esta pesquisa optou por uma abordagem qualitativa porque visava fazer um estudo exploratório de modo a interpretar, descrever e compreender a influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos, através da recolha de opiniões, de percepções e de sentimentos, etc, dos pais ou encarregados de educação, dos professores e dos membros de Direcção da Escola.

A abordagem qualitativa tem, na sua essência, segundo Bogdan e Biklen (1994), as seguintes características: A fonte directa dos dados é o ambiente natural e o investigador é o principal agente na recolha desses mesmos dados e que a análise dos dados é feita de forma indutiva. A maior preocupação neste tipo de abordagem é fazer a descrição e a interpretação dos participantes e dos dados, respectivamente, assim como compreender as percepções do mundo bem como o significado que os entrevistados atribuem às suas experiências.

Na abordagem qualitativa, o *investigador desloca-se ao local dos participantes a fim de recolher dados, e que, a abordagem qualitativa baseia-se principalmente em conversar, ouvir e permitir a expressão livre dos participantes*, (Bogdan & Biklen,1994:79).

O trabalho de campo (recolha de dados) decorreu no período compreendido entre 15 de Outubro de 2011 à 30 de Novembro de 2011, na ECNSL, e junto dos pais ou encarregados de educação, do Posto Administrativo de Infulene no Município da Matola.

3.1. População e Amostra

Nesta pesquisa propunha-me obter informações sobre a influência que o apoio proporcionado pelos pais ou encarregados exercia no desempenho escolar dos educandos da ECNSL, no Município da Matola.

Segundo os registos oficiais da referida Escola existem 2.585 educandos inscritos no curso diurno e nocturno do ESG (8ª à 12ª classes), dos quais 1.455 são do sexo feminino e 1.130 são do sexo masculino. Os dados disponíveis também indicam que a Escola possui 1.899 pais ou encarregados de educação do curso diurno e nocturno inscritos nos livros de turma da Escola pelo D.T durante a recolha de dados estatísticos dos alunos, processo vulgarmente conhecido por "levantamento estatístico de 3 de Março".

Sendo que no I e II ciclos do curso diurno existem 1.381 educandos, destes, 627 são do sexo feminino e 754 são do sexo masculino. Relativamente ao I ciclo curso diurno (8ª à 10ª classes) existem 843 alunos, 358 do sexo feminino e 485 do sexo masculino. As aulas nesta Escola são ministradas por 76 professores, dos quais 19 são do sexo feminino e 57 são do sexo masculino. A Direcção da Escola é composta por cinco elementos, quatro do sexo masculino e um do sexo feminino.

A população-alvo desta pesquisa era composta pelos seguintes quatro grupos: 309 educandos da 8ª Classe do curso diurno do ESG (120 do sexo masculino e 189 do sexo feminino); 309 pais ou encarregados de educação dos alunos da 8ª Classe; 14 professores do curso diurno e cinco membros da Direcção da Escola.

No âmbito deste estudo, tendo em conta os objectivos que pretendia alcançar, selecionei uma amostra por conveniência de seis professores dos quais três do sexo feminino e três do sexo masculino, cinco membros da Direcção da Escola, um de sexo feminino e quatro do sexo masculino. Portanto, todos os elementos que integravam a Direcção da Escola foram incluídos na amostra. É de referir que é uma amostra por conveniência visto que a sua seleção não observou nenhuma rigidez científica, tendo sido em virtude da sua disponibilidade para fornecer informações que respondessem os objectivos e às perguntas de investigação e também porque são pessoas que desenvolvem actividades inerentes ao P.E.A na ECNSL. De acordo com Ross (1978) a amostra por conveniência é a

terminologia usada para descrever uma amostra sob a qual os elementos tenham sido seleccionados a partir da população alvo com base na sua acessibilidade e os membros deste tipo de amostra são homogéneos.

Em relação à extração da amostra dos alunos e dos pais ou encarregados de educação, usei o método de casos extremos, visto que, seleccionei 13 alunos que apresentavam fraco desempenho escolar e igual número de pais ou encarregados de educação. Seleccionei também 13 alunos que apresentavam bom desempenho escolar e igual número de pais ou encarregados, os quais totalizaram 26 alunos e 26 pais ou encarregados de educação.

Dado que pretendia entender com profundidade o nível de compreensão do papel dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos seus educandos, dos 26 pais seleccionados, treze (13) eram aqueles cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar e os restantes treze (13) eram aqueles cujos educandos apresentavam um bom desempenho escolar.

Para efeitos deste estudo, considerou-se educando com fraco desempenho escolar, todo aquele que no fim do ano lectivo teve nota média inferior a 9 valores em mais do que duas disciplinas.

3.2. Método de Abordagem

Esta pesquisa optou por um estudo de caso por julgar a necessidade de estudar de forma aprofundada a influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos seus educandos. Segundo Yin (2009:18) um estudo de caso é importante por ser “um trabalho empírico que investiga um fenómeno particular com profundidade tendo em conta o contexto social, particularmente, quando as barreiras entre o fenómeno e o contexto não estiverem claramente evidentes”. Para Yin (2009) o estudo de caso permite ao investigador reter as características essenciais dos eventos do contexto social, tais como: desempenho escolar, processos organizacionais e de gestão e comportamentos de pequenos grupos.

3.3. Técnicas e Instrumentos de Recolha de Dados

As técnicas e os instrumentos tinham como objectivo recolher dados que respondessem aos objectivos e às perguntas de pesquisa, respectivamente. Por isso, neste estudo usei as entrevistas semi-estruturadas e não estruturadas, o questionário com perguntas fechadas e os registos documentais para obter informação sobre o comportamento e desempenho escolar dos educandos.

As fontes de dados para esta pesquisa incluem os educandos e professores da 8ª Classe, a Direcção da Escola, os pais ou encarregados de educação e os registos documentais existentes na referida Escola.

As Entrevistas semi-estruturadas foram conduzidas aos pais ou encarregados de educação, dado que pretendiam recolher dados sobre a percepção e a compreensão que eles têm em relação ao seu papel no desempenho escolar dos seus educandos, assim como recolher informações sobre os sentimentos, as ideias e as opiniões dos pais ou encarregados de educação em relação à experiência por eles vivida na Escola.

Este tipo de instrumento, segundo Triviños (1987) possibilita a recolha de dados qualitativos comparáveis bem como compreender de forma mais profunda, tópicos de interesse para o desenvolvimento de questões relevantes. Acrescenta ainda que permite uma melhor percepção de mudanças ou diferenças individuais; há maior adaptação da entrevista ao entrevistado e flexibilidade na gestão do tempo, mais diversificação na abordagem dos tópicos e maior individualização da comunicação.

Para obtenção de dados junto dos membros da Direcção da Escola e dos Professores usei entrevistas não estruturadas e semi-estruturadas respectivamente. Isto permitiu a maximização e liberdade das expressão por parte destes. Segundo Triviños (1987) a entrevista não estruturada é aquela que permite ao entrevistado decidir-se pela forma de construir a sua resposta. Para recolher dados sobre os antecedentes sócio-económicos dos educandos usei um questionário de perguntas fechadas.

Os guiões de entrevista apresentam duas partes, sendo que a primeira se refere a dados socio-demográficos dos entrevistados (idade, sexo, nível de escolaridade, profissão,

cargo), e a segunda comporta perguntas que visam recolher dados que ajudem a explicar a percepção (dos pais ou encarregados de educação, dos professores e dos membros da Direcção da Escola) sobre o papel dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos (vide Anexos I, II e III).

Por sua vez o questionário apresenta perguntas fechadas. Este instrumento tinha como objectivo recolher dados sobre os antecedentes sócio-económicos passíveis de influenciar o desempenho escolar dos alunos (vide Anexo IV).

A recolha de dados sobre o comportamento disciplinar e desempenho escolar dos educandos foi feita com base na análise de documentos, tais como: a caderneta do educando, as pautas do fim de ano e trimestrais, faltas disciplinares e os livros de turmas. Tais documentos permitiram estabelecer a relação que existe entre o apoio dos pais ou encarregados de educação, os comportamentos e o desempenho escolar dos educandos com fraco desempenho e dos educandos com bom desempenho.

Em relação aos educandos, observei as notas e o comportamento dos mesmos, a pontualidade e a assiduidade, a presença nas aulas, nº de faltas, etc. No que se refere aos pais, observei a frequência de presença dos mesmos nas reuniões da Escola e o seu envolvimento nas actividades escolares dos educandos. Finalmente, ao nível da Direcção analisei o registo da participação dos pais ou encarregados de educação, assim como o acompanhamento dos educandos com fraco desempenho escolar. As medidas que eram tomadas pela Direcção da Escola de forma a apoiar e ou aconselhar os pais dos educandos com fraco desempenho escolar também foram consideradas.

3.4. Plano de Análise de Dados

Com vista a responder a pergunta de que forma é que o papel dos pais ou encarregados de educação é compreendido e interpretado tanto pelos professores, tanto pelos elementos da Direcção e pelos pais ou encarregados de educação da ECNSL, na presente pesquisa foram entrevistados professores, elementos da Direcção da Escola e aos pais ou encarregados de educação. Os resultados das entrevistas foram agrupados em três (3) categorias, conforme a seguir se desenvolve:

1. Compreensão do Papel dos pais ou encarregados de Educação no Apoio aos Educandos
2. Compreensão do Papel dos Professores da Escola no Apoio aos Educandos
3. Compreensão do Papel dos membros da Direcção da Escola no Apoio aos Educandos

Em relação a 1ª categoria “Compreensão do Papel dos pais ou encarregados de Educação no Apoio aos Educandos”, que é relativa a entrevista com os pais ou encarregados de educação (perguntas 1 à 31), a presente pesquisa esforçou-se em identificar o papel dos pais ou encarregados de educação no acompanhamento do T.P.C dos alunos com vista a apurar o nível de comprometimento destes actores com o desempenho escolar dos educandos.

Relativamente a 2ª categoria, “Compreensão do Papel dos Professores da Escola no Apoio aos Educandos” da entrevista com professores (perguntas 1 à 8), o trabalho pretendia aferir e analisar o nível de aproximação dos pais ou encarregados de educação à Escola, através de acompanhamento de diversas actividades que acontecem em casa e na Escola (reuniões na Escola, visitas a Escola, conversas com professores e membros da Direcção da Escola), por um lado. Por outro, a pesquisa pretendia aferir as actividades desenvolvidas pelos professores de forma a apoiar os educandos.

Em relação a 3ª categoria “Compreensão do Papel dos membros da Direcção da Escola no Apoio aos Educandos” relativa a entrevista com os elementos da Direcção da Escola, com a presente pesquisa pretendia analisar as práticas levadas a cabo pelos pais ou encarregados de educação como forma de apoiar os seus educandos, por um lado. Por outro, pretendia analisar as formas de apoio dos elementos da Direcção em relação aos pais cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar, assim como a percepção que eles têm em relação ao conceito de apoio.

Os dados sobre o aproveitamento escolar dos alunos foi observado a partir dos documentos escolares (mapas de aproveitamento), mediante a prévia identificação das turmas de onde foram seleccionados os alunos que integram a amostra. Desta feita, o seu

desempenho escolar foi analisado à luz das percepções e atitudes dos respectivos pais ou encarregados de educação no que se refere ao apoio dado aos seus educandos.

3.4.1 Codificação dos Entrevistados

O processo de codificação dos entrevistados baseou-se no uso das letras iniciais do primeiro e último nome de cada entrevistado seguido pela data e mês da entrevista para os pais ou encarregados de educação. Para os professores a codificação baseou-se no uso da letra “P”, que significa “professor” e seguido pelo número que indica a sequência das entrevistas seguido, também, da data e mês da entrevista. Para os membros da Direcção da Escola, a codificação foi feita com base no mesmo critério usado para os Professores, mas para estes foi feita mediante o uso das letras “DAP” que significam “Director Adjunto Pedagógico”.

3.5 Métodos e Técnicas de Análise de Dados

Relativamente a 2ª pergunta de pesquisa que pretendia saber “Em que medida o apoio dos pais ou encarregados de educação influencia no desempenho escolar dos educandos na ECNSL” a presente pesquisa compilou separadamente as respostas dos dois grupos de pais ou encarregados de educação com vista a comparar as respostas dos pais ou encarregados de educação e o desempenho escolar dos educandos.

Uma vez comparados os dois tipos de desempenho escolar dos educandos, foi analisado o conteúdo e identificados os temas recorrentes nas respostas de cada grupo de pais ou encarregados de educação. Por último, foi cruzada a informação proveniente dos alunos, dos pais e dos professores e discutida à luz das diferentes conclusões dos autores que constam na revisão da literatura com vista a estabelecer a relação entre o apoio dos pais e o desempenho escolar dos alunos.

Portanto, a partir destas três técnicas de análise de dados, foi possível encontrar a relação entre a vertente apoio e o desempenho escolar dos educandos.

3.6. Unidades de Análise

Visto que a pesquisa pretendia analisar a influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos na ECNSL, a unidade de análise foi o indivíduo (educando) por um lado, grupos de indivíduos (pais ou encarregados de educação, Professores e membros da Direcção da Escola), por outro.

Depois da apresentação do Capítulo três relativo a opção metodológica da pesquisa apresento, a seguir, o quarto capítulo referente a análise de Dados.

Capítulo 4: Análise de Dados

Este capítulo baseia-se nos dados recolhidos através de entrevistas e questionários dirigidos aos pais ou encarregados de educação, aos membros da Direcção, aos professores da Escola e aos educandos, respectivamente. Os dados recolhidos foram organizados em quatro secções, tendo em conta as perguntas de pesquisa: 1. Compreensão do papel dos pais ou encarregados de educação no apoio aos educandos; 2. Compreensão do papel dos professores no apoio aos educandos; 3. Compreensão do papel dos membros da Direcção da Escola no apoio aos educandos; e 4. Concepções dos Educandos sobre o Apoio dos Pais ou Encarregados de Educação.

4.1 Perfil Sócio-demográfico dos Sujeitos

4.1.1 Perfil dos Alunos

Os alunos entrevistados (em número de 26, sendo 13 do sexo masculino e 13 do sexo feminino) são todos da 8ª classe da ECNSL, Curso Diurno. A sua idade varia entre 13 e 16 anos de idade até a data de entrevista. São na sua maioria residentes no mesmo bairro (T3), sendo que alguns vêm de bairros circunvizinhos: Bairros da T-3, Dlavela, Patrice Lumumba, Zona Verde, Unidade "D", Jardim, Luís Cabral.

4.1.2 Perfil dos Professores

Na ECNSL entrevistei seis Professores, destes, três do sexo masculino e três do sexo feminino. As suas qualificações académicas vão desde o nível médio ao mestrado, sendo que quatro são formados pela Universidade Pedagógica (U.P) e dois pela Universidade Eduardo Mondlane (U.EM.). É de referir que cinco têm a formação psicopedagógica. No que se refere as áreas de formação, dois destes professores são formados em Ciências Sociais e os restantes quatro na área de Ciências Naturais. Relativamente ao professor com o nível de mestrado é formado pela Universidade Eduardo Mondlane (UEM) em Linguística.

No que diz respeito ao tempo de serviço e ao desempenho de funções na Escola, os seis professores entrevistados são todos D.T's, e o tempo de serviço varia entre 10 e 16 anos.

4.1.3 Perfil dos Membros da Direcção da Escola

A Direcção da Escola é composta por cinco elementos, dos quais um de sexo feminino e quatro de sexo masculino. Destes, quatro têm o nível de Licenciatura, três em Ciências Sociais e um em Ciências Naturais e outro que é a chefe da Secretária, encontra-se a frequentar o curso de Licenciatura em Administração Pública. As idades dos membros da Direcção da Escola variam de 31 e 62 anos.

Destes cinco membros da Direcção da Escola, um desempenha as funções de Director de Escola, três são Directores Adjuntos-Pedagógicos e um é a Chefe da Secretária da Escola.

4.1.4 Perfil dos Pais ou Encarregados de Educação dos Educandos com bom Desempenho

Os Pais ou Encarregados de Educação entrevistados são na sua maioria trabalhadores, isto é, têm emprego formal, com maior destaque para os de sexo masculino, uma vez que os de sexo feminino maioritariamente não têm um emprego formal e não estudam. Elas ficam em casa e na sua maioria são responsáveis pela educação dos filhos e pelo acompanhamento de todas as actividades escolares. É de referir que os pais ou encarregados de educação entrevistados são residentes dos Bairros da T-3, Davela, Patrice Lumumba, Zona Verde, Unidade "D", Jardim e Luís Cabral. Cerca de metade dos pais ou encarregados de educação entrevistados não sabem ler, de acordo com o que afirmaram durante a entrevista.

Relativamente à formação académica dos pais ou encarregados de educação, quatro têm a formação média ou superior, cinco têm a formação primária do 1º e 2º graus, outros quatro têm o 1º ciclo do Ensino Secundário Geral. As suas idades variam entre 30 e 65 anos. Não foi possível obter dados sobre a profissão ou ocupação específica dos pais ou encarregados de educação neste estudo.

4.1.5 Perfil dos Pais ou Encarregados de Educação dos Educandos com fraco Desempenho

Os Pais ou Encarregados de Educação cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar são também na sua maioria trabalhadores, com maior destaque para os de sexo masculino, sendo que alguns de sexo feminino desenvolvem actividades no sector informal. Na maior parte dos casos, a responsabilidade pela educação e acompanhamento de actividades escolares dos educandos é daqueles de sexo feminino. Os pais ou encarregados de educação entrevistados são residentes dos Bairros da T-3, Dlavela, Patrice Lumumba, Zona Verde, Unidade "D", Khongolote e Zimpeto. Cerca de metade dos pais ou encarregados de educação entrevistados não sabem ler, de acordo com o que afirmaram em entrevista.

Relativamente à formação académica dos 13 pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar, três destes têm a formação média e igual número têm o 1º ciclo do Ensino Secundário Geral. Cinco têm a formação primária do 1º grau, e finalmente dois têm o ensino superior. As suas idades variam entre 30 e 65 anos.

4.2 Concepções do Papel dos Pais ou Encarregados de Educação no Apoio aos Educandos

Questionados como podiam apoiar os seus educandos, os 13 pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam fraco desempenho afirmaram que davam dinheiro para a compra de material didáctico, garantiam alimentação, inculcavam no educando o gosto pela Escola, incentivavam-no à ir a Escola e aproveitar no máximo os conteúdos, e muito poucos afirmaram que controlavam o T.P.C. e ensinavam-nos a saber estar e ser. O acima exposto é elucidado através dos seguintes depoimentos:

“Dar dinheiro para a compra de material didáctico (DCEE11.11). Garantir alimentação (QDEE11.11). Inculcar no educando o gosto pela Escola, incentivar à ir a Escola e aproveitar no máximo os conteúdos, controlar o T.P.C. e ensinar a saber estar e ser” (ETEE11.11).

Questionados se os educandos tinham explicadores, quatro disseram que sim, e tinham aulas de explicação em média 2 à 3 vezes por semana, sobretudo, durante o período de exames ou de testes. Outra parte (9) afirmou que os educandos não tinham explicadores porque nunca lhes tinha passado pela cabeça. Eis a seguir algumas passagens dos seus depoimentos:

“A minha filha vai a explicação 2 à 3 vezes por semana, mas ela pede quando chega o tempo de testes e de exames” (GBEE.11.11).

“Ele não tem explicador porque nunca me passou pela cabeça” (PTEE. 11.11).

Relativamente aos 13 pais cujos educandos apresentavam bom desempenho escolar, cinco pais responderam que o apoio consistia em comprar material didáctico, pedir alguém para explicá-lo, educar e dar muita atenção ao educando assim como comprar uniforme escolar. Ao passo que oito disseram que consistia em fazer um acompanhamento diário em relação ao T.P.C, acompanhar as suas aulas, comunicar com professor, saber da assiduidade, arranjar explicadores para o seu educando, entre outras. Eis a seguir algumas passagens de depoimentos dos pais:

“Comprar material didáctico, pedir alguém para lhe explicar, educar e dar muita atenção, comprar uniforme escolar (YNEE11.11). *Fazer acompanhamento diário no T.P.C, acompanhar as aulas, comunicar com professor, arranjar explicadores”* (AZEE11.11).

A resposta frequentemente dada pelos pais ou encarregados de educação foi: ajudar os educandos a fazer T.P.C.

Questionados se os educandos tinham explicadores, dez pais ou encarregados de educação disseram que sim, e tinham aulas de explicação em média 2 à 3 vezes por semana. Como se pode constatar através da seguinte passagem:

“O meu filho vai a explicação 2 à 3 vezes por semana” (GBEE.11.11).

“A minha filha vai a explicação quase todos os dias” (GBEE.11.11).

Quatro pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam bom desempenho escolar disseram que se informavam todos os dias sobre os amigos que o seu educando tinha na Escola, enquanto nove disseram que se informavam de vez em quando. Em relação aqueles cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar, sete disseram que se informavam de vez em quando e seis disseram que nunca se informavam.

Relativamente aos pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam bom desempenho escolar, 12 revelaram que os seus educandos nunca estiveram envolvidos em atitudes ou comportamentos sujeitos a sanção disciplinar na sua Escola, apenas um disse que o seu educando já esteve envolvido em atitudes ou comportamentos sujeitos a sanção disciplinar por não ter feito o T.P.C. O acima exposto, verifica-se através da seguinte passagem:

“O meu filho nunca esteve envolvido em atitudes ou comportamentos sujeitos a sanção disciplinar na Escola” (AZEE11.11).

Com os pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar, oito destes revelaram que os seus educandos já estiveram envolvidos em atitudes ou comportamentos sujeitos a sanção disciplinar, sendo as causas principais as seguintes: por não terem feito T.P.C., e por apresentarem fraco aproveitamento pedagógico. Isso elucida-se através da seguinte passagem:

“A minha filha já esteve envolvida em atitudes ou comportamentos sujeitos a sanção disciplinar, uma vez por não ter feito T.P.C. (BGEE11.11) e a outra por causa das suas notas (AUEE11.11) e por ter lutado com uma colega” (QDEE11.11).

Questionados se ajudavam aos educandos, os pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam bom desempenho, oito afirmaram que os ajudava. Num dos casos, os entrevistados disseram: *“ Ajudo a resolver T.P.C, explico as matérias difíceis (ZMEE11.11).*

“Ajudo naquilo que eu puder, resolver o T.P.C., explicar, se não conseguir mando os irmãos mais velhos” (FMEE11.11).

Contrariamente, cinco responderam que não os ajudava, dizendo o seguinte:

“Dificuldades em compreender as matérias ensinadas na Escola” (AUEE11.11).

Em relação ao tipo de ajuda concedida aos seus educandos, oito afirmaram que explicavam os conteúdos ou pedia alguém, sem necessariamente fazer T.P.C, ao passo que cinco afirmaram que resolviam os trabalhos escolares dos seus educandos, sem no entanto explicá-los.

Relativamente aos pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar, estes afirmaram que não os ajudavam a fazer o T.P.C, dos quais quatro alegaram a falta de tempo, ao passo que nove alegaram dificuldades em compreender as matérias. Eis o exemplo dos depoimentos:

“Não ajudo ao meu filho devido as dificuldades em compreender as matérias ensinadas na Escola e também por falta de tempo (AUEE11.11).”

“Não ajudo ao meu filho devido as dificuldades em compreender as matérias ensinadas na Escola.” (BFEE11.11)

No entanto, na entrevista com os pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam bom desempenho escolar, dois revelaram que conversavam de vez em quando com seus educandos sobre a importância da Escola, enquanto sete disseram que conversava todos os dias, e quatro as vezes. Ao passo que aqueles cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar, os dados revelaram o seguinte: quatro disseram que conversavam todos os dias, enquanto nove disseram que nunca conversavam com os seus educandos.

Questionados se costumavam perguntar os seus educandos sobre as dificuldades/problemas que enfrentavam na Escola, os pais ou encarregados de educação dos educandos com fraco desempenho escolar, um disse que perguntava todos os dias, sete afirmaram que perguntava de vez em quando e cinco afirmaram que nunca

perguntaram. Em relação ao tipo de amigos que seus educandos tinham, todos os pais ou encarregados de educação disseram que nunca se informaram a respeito.

Contrariamente aos pais ou encarregados de educação dos educandos com bom desempenho escolar, oito revelaram que perguntavam todos os dias, e três disseram que perguntavam de vez em quando e dois perguntavam as vezes.

Relativamente a questão como é que os pais ou encarregados de educação avaliam o seu desempenho em relação ao educando, os 13 pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentam fraco desempenho responderam o seguinte: muito fraco, satisfatório, insuficiente, mais ou menos. Segundo eles porque não cumpriam com certas obrigações como pais, sobretudo devido a falta de tempo. Isso elucida-se através da seguinte passagem de depoimento:

“Acho que o meu desempenho é insuficiente, pois há certas coisas que não faço mas por falta de tempo e condições financeiras” (GBEE11.11).

Em relação aqueles cujos educandos apresentavam bom desempenho escolar afirmaram que o seu desempenho era bom, porque se preocupavam pelos resultados e pela educação dos seus educandos. Achavam também bom porque acompanhavam tudo que acontecia com seu educando na Escola e em casa. Por exemplo, se o educando não tivesse aulas, tinham conhecimento. Consideraram inclusive ser bom, dado que tinham tempo para conversar com seus educandos e lhes davam bons conselhos sobre a Escola; assim como se dedicavam nas suas actividades escolares e mandavam-nos aos explicadores. A título exemplificativo, eis a seguir uma passagem dos depoimentos de um dos pais ou encarregados de educação:

“Acho que o meu desempenho é bom porque sempre tenho me dado tempo para conversar com ele sobre a Escola, e sempre que ele quiser a minha ajuda dou, e compro sempre material escolar para ele” (FMEE11.11).

As expressões mais usadas por esta categoria de pais ou encarregados de educação são as seguintes: “bom” e “positivo”.

Perguntado sobre o que achavam do relacionamento entre os professores, os alunos, o ambiente escolar, os pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam bom e fraco desempenho escolar responderam que era bom, por isso mesmo aconselhariam outros pais ou encarregados a matricular seus educandos naquela Escola. Como se pode constatar a opinião de um dos pais ou encarregados de educação:

“O ambiente e o relacionamento são bons, tendo em conta as reclamações que os educandos apresentam são muito poucas” (CMEE11.11).

Contrariamente, muito poucos pais ou encarregados de educação disseram que o ambiente não era bom porque o educando tinha medo de alguns professores. Eis o seu depoimento:

“A relação na Escola não é boa, porque o meu filho tem medo de alguns professores e não respeito” (GBEE11.11).

Em relação a interacção aluno - aluno, os pais ou encarregados de educação responderam que não conheciam os colegas e amigos dos seus educandos, apenas quatro disseram que os conhecia e disseram ainda que a relação entre os educandos era boa.

Questionados se estavam ou não satisfeitos com o desempenho escolar dos seus educandos, todos os pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam fraco desempenho, afirmaram o seguinte:

“Não estou satisfeito, porque o meu filho reprovou várias vezes e tem negativas nos testes” (CMEE11.11).

“Mais ou menos, por causa dos resultados menos bons que traz. Porque sinto que as disciplinas são difíceis para ele” (GBEE11.11).

Em contrapartida, os pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam bom desempenho escolar foram unânimes em reconhecer que estavam satisfeitos com o desempenho dos seus educandos, por considerarem que estes apresentavam boas notas. Eis a seguir alguns depoimentos dos pais ou encarregados de educação:

“Estou satisfeito, porque o meu filho tem boas notas nos testes e um bom comportamento.” (FMEE11.11).

“Estou satisfeito, porque ela apresenta boas notas (ZMEE11.11).”

4.3 Sumário

De um modo geral, os educandos cujos pais ou encarregados de educação apoiavam não só em material didáctico mas também na realização do TPC apresentavam bom desempenho escolar, contrariamente aqueles cujos pais ou encarregados de educação limitavam-se a comprar material didáctico.

4.4 Concepções sobre o Papel dos Professores da Escola no Apoio aos alunos

A entrevista com os professores revela que todos eles, sem excepção, dão o T.P.C aos alunos sempre no fim da aula. Porém, de acordo com os mesmos, alguns alunos não faziam o T.P.C, sendo os motivos frequentemente invocados, a falta de interesse, o esquecimento, a falta de hábito, a falta de dinheiro para a compra do material didáctico, entre outros. Portanto, de todos os depoimentos recolhidos dos entrevistados, o mais saliente é a falta de interesse dos alunos.

Em resposta a não realização do T.P.C., os professores referiram tomar com mais frequência as seguintes medidas: mandar os alunos fazer T.P.C na sala de aulas ou expulsá-los, podendo reentrar depois de o fazer. No entanto, nesta entrevista, a medida que os professores referiram tomar com mais frequência é a expulsão da sala de aulas.

4.4.1 Concepções dos Professores sobre o Papel dos Pais ou Encarregados de Educação

Quase todos os professores opinaram que o envolvimento dos pais ou encarregados de educação no T.P.C. dos seus educandos era invisível, excepto em alguns casos, sobretudo

dos educandos que apresentavam um bom desempenho escolar. Eis o exemplo de uma passagem dos depoimentos de um dos professores: *“O envolvimento dos pais ou encarregados de educação no T.P.C. é invisível, os poucos que fazem, trata-se de alunos com boas notas”* (P1.10.11).

Questionados de que forma se tem manifestado o envolvimento dos pais ou encarregados de educação no T.P.C, três professores responderam que nunca notaram qualquer envolvimento. Contrariamente, a outra metade revelou que notou, sobretudo, dos educandos que apresentavam bom desempenho. Como se pode constatar a opinião de alguns professores: *“Não tenho notado envolvimento, se existe é espontâneo”* (P2.10.11).

“Tenho notado o envolvimento, sobretudo dos pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentam bom desempenho escolar”. (P3.10.11)

Questionado aos professores se os pais ou encarregados de educação compareciam na Escola para falar com os professores sobre as dificuldades que os seus educandos enfrentavam, todos afirmaram que eram muito poucos, e predominantemente aqueles cujos educandos tinham bom desempenho escolar. Eis um trecho de um dos depoimentos que evidencia o acima exposto:

“São muito poucos os pais que comparecem, e os que comparecem são pais cujos educandos têm bom comportamento e boas notas” (P4.10.11).

4.5 Sumário

No geral, a forma mais comum de apoio aos educandos pelos professores consistia em dar o TPC e expulsá-los da sala de aulas em caso de não realização. Os educandos cujos pais ou encarregados de educação que, na opinião dos professores, pouco se envolviam na sua vida escolar mostravam fraco desempenho escolar, contrariamente aos educandos cujos pais ou encarregados de educação mais se envolviam na sua vida escolar.

4.6 Concepções dos Membros da Direcção da Escola sobre o seu Papel no Apoio aos Educandos

Questionados sobre como é que os membros da Direcção da Escola lidavam com os pais ou encarregados de educação cujos educandos apresentavam fraco desempenho ou mau comportamento, eles revelaram que, numa primeira fase, chamavam esses alunos e procuravam saber as razões do seu fraco desempenho ou do mau comportamento e de seguida apelavam-nos a se empenharem mais nos estudos e nas actividades escolares.

Em caso do fracasso da primeira medida, eles foram unânimes em afirmar que chamavam aos pais ou encarregados de educação, sem esperar pelas reuniões trimestrais para conversar com eles, de forma a encontrar uma solução diante do fraco desempenho do aluno. Eis a seguir uma passagem de depoimentos de um dos membros da Direcção:

“Chamamos os alunos, se não tivermos sucessos, chamamos os pais ou encarregados de educação sem esperar pelas reuniões trimestrais para encontrar uma solução diante do problema” (DP1.10.11).

Contudo, segundo os membros da Direcção, eram poucos os pais ou encarregados de educação que compareciam, sendo que, em alguns casos, os que comparecessem, os respectivos educandos denotavam alguma melhoria.

Como se pode constatar, os membros da Direcção afirmaram: *“São poucos os pais que comparecem, mas os que comparecem os filhos melhoram o comportamento e o aproveitamento”* (DP1.10.11).

Diante desta situação, a medida que a Direcção da Escola referiu tomar com mais frequência é a suspensão do aluno das aulas, até a comparência do pai ou encarregado de educação. Eis um trecho elucidativo do acima exposto:

“Quando não vêm, procuramos um estudante vizinho da mesma turma para chamar o encarregado, mas quando não comparece interdita-se o estudante de entrar na sala de aulas” (DP2.10.11).

Segundo os membros da Direcção, as razões frequentemente apontadas pelos educandos que apresentavam fraco desempenho eram as seguintes: falta de tempo, dado que ajudavam os pais ou encarregados de educação no comércio, faziam muitos trabalhos domésticos, tinham fraca percepção dos conteúdos, entre outras razões.

Questionados sobre a existência da Comissão dos pais ou encarregados de educação, todos os entrevistados revelaram que não existia. Porém, um destes disse que quando a Escola iniciou as suas actividades, em 2002, tinha uma comissão mas que foi extinta quando alguns pais ou encarregados de educação exigiram remuneração pelo trabalho desenvolvido. O acima exposto realça-se pelo seguinte depoimento:

“Não existe actualmente, mas tínhamos uma comissão de pais ou encarregados de educação, mas ela é importante porque funciona como ligação Escola-Comunidade, mas passa necessariamente pela vontade dos pais, porque é preciso que os pais trabalhem, mas alguns pais querem as vezes ter alguma remuneração” (DP3.10.11).

4.6.1 Concepções dos Membros da Direcção da Escola sobre o Papel dos Pais ou Encarregados de Educação no Apoio aos Educandos

Questionados sobre a forma como os membros da Direcção entendiam o apoio dos pais ou encarregados de educação aos seus educandos, eles afirmaram unanimemente que deviam dar um acompanhamento contínuo em todo o P.E.A, quer em casa, quer na Escola. Afirmaram igualmente que deviam ajudar aos educandos nas actividades escolares; controlar a assiduidade e a pontualidade, por um lado. Por outro, deviam efectuar visitas periódicas à Escola, procurar saber das dificuldades na Escola, providenciar material didáctico e acompanhar o desenvolvimento das actividades dos seus educandos.

Eis alguns exemplos de depoimentos de alguns membros da Direcção da Escola:

“Os pais devem dar um acompanhamento contínuo em todo o P.E.A, quer em casa, quer na Escola. Eles devem ajudar aos educandos nas actividades

escolares; controlar a assiduidade e a pontualidade, devem efectuar visitas periódicas à Escola” (DP1.10.11).

“Os pais devem dar um acompanhamento contínuo em casa e na Escola, nas avaliações, ajudar naquilo que não conseguem fazer, controlar a assiduidade e a pontualidade” (DP1.10.11).

“Os pais devem acompanhar todo processo de ensino e aprendizagem” (DP4.10.11).

Perguntados se os membros da Direcção recebiam visitas de pais ou encarregados de educação sem que estes tivessem sido convocados, as respostas obtidas foram as seguintes:

“Não é frequente, os pais ou encarregados de educação comparecem quando os filhos têm problemas, sendo que das poucas vezes que aparecem é no fim de ano, momento em que os pais querem conhecer o aproveitamento dos seus educandos. A questão comportamental pouco lhes interessa” (DP5.10.11).

“O nível de comparência é baixo, quase que não existem, os pais não comparecem” (DP2.10.11).

Esta é a resposta dos membros da Direcção, quando questionados sobre o nível de comparência dos pais ou encarregados de educação cujos educandos tinham problemas de comportamento.

Não obstante, das poucas vezes que alguém fosse a Escola, as vezes não se tratava do pai ou encarregado de educação propriamente dito, mas sim o empregado/a, ou o/a irmão/a mais velho/a, tio/a ou até um outro parente que não viva com o educando. O acima exposto é suportado pelo depoimento seguinte:

“Tem sido irregular, muitas vezes mandam os irmãos mais novos até mesmos os empregados” (DP5.10.11).

É de salientar que, houve casos em que os pais ou encarregados de educação não compareciam porque não tiveram informação. Geralmente quando o aluno apresentava mau comportamento, pedia a um amigo/a para representar o pai ou encarregado de educação.

Quanto a participação nas reuniões trimestrais, três membros da Direcção disseram que a participação dos pais ou encarregados de educação era irregular. No entanto, outros dois afirmaram que a participação dos pais ou encarregados de educação dependia do director da turma (D.T), dado que se este incentivasse os alunos a informar aos pais ou encarregados de educação sobre a importância da reunião eles compareceriam. A título exemplificativo destas afirmações, eis o depoimento de um dos membros da Direcção da Escola:

“A participação dos pais nas reuniões depende do D.T. porque se este não incentivar os alunos a chamar os encarregados eles não aparecem, mas se o D.T de facto incentivar os pais aparecem” (DP4.10.11).

Segundo os membros da Direcção, raramente os pais ou encarregados de educação justificavam atempadamente as suas ausências nas reuniões, justificando-as apenas quando se suspendesse o seu educando.

4.7 Sumário

Em suma, em caso de fraco desempenho escolar ou mau comportamento do educando, os membros da Direcção da Escola afirmaram que chamavam o educando a fim de saber as razões do fraco desempenho. Caso esta medida não surtisse efeitos, chamavam aos pais ou encarregados de educação para informá-los sobre o fraco desempenho bem como aferir se estes acompanhavam o desempenho escolar do educando.

4.8. Concepções dos Educandos sobre o Apoio dos Pais ou Encarregados de Educação

Perguntado aos alunos se os pais ou encarregados de educação sabiam ou não ler e escrever, todos os alunos afirmaram que os seus pais ou encarregados de educação sabiam ler e escrever.

Questionados se os pais ou encarregados de educação verificam o T.P.C, 18 dos 26 alunos afirmaram unanimemente que os seus pais ou encarregados de educação verificavam o T.P.C. Esta afirmação inclui também os alunos que apresentam fraco desempenho escolar.

Quanto a leitura de livros, 14 alunos afirmaram que leem três (3) à quatro (4) vezes por semana e 12 alunos disseram que uma (1) à duas (2) vezes por semana. Os 26 alunos inquiridos afirmaram, igualmente, que na sua Escola há uma biblioteca, pese embora não haver nela livros suficientes nas diferentes áreas do saber.

Perguntado aos alunos se têm tido T.P.C na Escola, todos os 26 alunos inquiridos disseram que os professores dão T.P.C e em relação a assiduidade na Escola, todos os 26 alunos que constituíram a amostra deste estudo responderam que não faltaram a Escola.

Inquiridos se em casa costumavam ajudar nos trabalhos domésticos, 24 dos 26 alunos disseram que ajudavam. Destes, 15 disseram que ajudam, particularmente, no comércio, na limpeza da casa, enquanto, os outros nove disseram que ajudavam apenas a fazer limpezas de casa.

4.9. Sumário Geral

Resumidamente, neste capítulo, pode-se afirmar que, os educandos cujos pais ou encarregados de educação apoiavam em material didáctico, na realização do TPC, se envolviam na sua vida escolar, entre outras actividades, apresentavam um bom desempenho escolar. Relativamente aos professores, a prática comum destes, de apoio

aos educandos consistia em dar o TPC e expulsá-los da sala de aulas em caso de não realizá-lo.

Em caso de fraco desempenho escolar ou mau comportamento do educando, os membros da Direcção da Escola afirmaram que chamavam o educando a fim de saber as razões do seu fraco desempenho, seguidamente, chamavam aos pais ou encarregados de educação para partilhar a informação relativa ao seu fraco desempenho assim como aferir se os pais acompanhavam o dia-a-dia escolar dos educandos.

Depois da apresentação do Capítulo quatro sobre a análise de dados, passo a seguir a apresentar o quinto capítulo referente à discussão dos resultados.

Capítulo 5. Discussão dos Resultados

Neste capítulo, faço a interpretação dos dados baseando-me na revisão da literatura apresentada no segundo capítulo. É de referir que o propósito desta pesquisa é compreender em que medida o apoio dos pais ou encarregados de educação influencia o desempenho escolar dos educandos.

Os dados analisados revelam que os educandos cujos pais ou encarregados de educação apoiavam em material didáctico, realização das actividades escolares, dialogavam e visitavam a Escola apresentavam um bom desempenho escolar. Em contraste, os educandos cujos pais ou encarregados de educação se limitavam a comprar material didáctico, apresentavam fraco desempenho escolar.

Os resultados desta pesquisa corroboram com as concepções de Vygotsky (1989), que sustentam que o auxílio prestado à criança em suas actividades de aprendizagem é válido, pois, segundo explica, aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior, amanhã estará realizando sozinha.

Portanto, os pais ou encarregados de educação têm a responsabilidade de apoiar os seus educandos de forma a garantir um bom desempenho escolar. Por isso, não só é necessário, tal como também é importante que os pais ou encarregados de educação apoiem os seus educandos nas diferentes actividades escolares, comprem material escolar, visitem os educandos na Escola, dialoguem com os educandos, entre outras acções.

É nesta perspectiva que Àvila (1996), Del Prette e Dessen (2005) defendem que o estabelecimento de um ambiente familiar acolhedor e a organização de contextos favoráveis para o desenvolvimento da criança podem ser factores de protecção diante de eventos ameaçadores a que usualmente as crianças estão expostas.

Por seu turno, Maturana (1997) afirma que para se assegurar que a criança tenha sucessos na sua vida escolar e futura é importante que os pais estejam fisicamente presentes no seu dia-a-dia escolar, sendo também preciso que concedam afecto moral ao seu educando.

Os resultados deste estudo revelam igualmente, que mais de metade dos pais ou encarregados de educação não apoiam os seus educandos nos trabalhos escolares, não visitavam os educandos na Escola e nem tinham o hábito de dialogar com os educandos.

Estes resultados parecem confirmar a assunção segundo a qual, o fraco desempenho escolar dos educandos pode estar intimamente ligado à quantidade e qualidade do apoio dos pais ou encarregados de educação. É neste âmbito que Strick e Smith (1989) citados em Belebani (2001) afirmam que o ambiente doméstico exerce um importante papel para determinar se qualquer criança aprende bem ou mal.

As crianças que recebem um incentivo carinhoso na Família tendem a desenvolver atitudes positivas, tanto sobre a aprendizagem quanto sobre si mesmas. Essas crianças buscam e encontram modos de contornar as dificuldades, mesmo quando são bastante graves.

Por seu turno, Malavazi (2000) afirma que o auxílio nas tarefas de casa e no acompanhamento dos filhos nas reuniões escolares são os mais importantes meios de interacção dos pais com a Escola. Em relação as tarefas de casa, Paula (2000) citando Libâneo (1991) destaca que, os pais ao auxiliarem seus filhos estarão mantendo uma ligação com o trabalho realizado na Escola.

Segundo Cury (2003) se querem ser pais brilhantes não apenas ter o hábito de dialogar com seus educandos, mas também de contar histórias. Cativem vossos filhos pela vossa inteligência e afectividade, não pela vossa autoridade, dinheiro ou poder. Tornem-se pessoas agradáveis, influenciem o ambiente onde eles estão.

Os dados deste estudo revelam também que para apoiar os educandos, os professores davam T.P.C. e em caso de não realizá-lo eram expulsos da sala de aulas. Esta medida, porém, além de não oferecer uma solução pedagógica para a aprendizagem, oferece uma solução pouco satisfatória, uma vez que para além do trabalho para casa, os alunos podem e devem beneficiar de outros tipos de apoio tanto em casa como na Escola.

Além disso, os dados desta pesquisa mostram que os professores e os membros da Direcção da Escola pouco interagem com os educandos, limitando-se a tomar medidas.

Entretanto, as atitudes dos professores podem resultar de um défice de preparação durante a sua formação profissional para lidarem com os pais ou encarregados de educação, sobretudo dos educandos que apresentavam fraco desempenho escolar. Na mesma linha de pensamento, Mittler (2003) afirma que a separação entre a Escola e a Comunidade deveu-se ao “vendaval de mudança” que assolou as escolas nos anos 90 que deixou pouco tempo para o desenvolvimento de novos modos de envolver a Comunidade em parcerias com as escolas. Este autor concluiu também que a separação entre a Escola e a Comunidade é sustentada pelas seguintes questões: Quantos professores podem lembrar-se de qualquer atenção que lhes foi dada para trabalhar com os pais durante o curso universitário? Quantos tiveram oportunidades para frequentar capacitações de um dia ou cursos sobre as necessidades de pais e Famílias e como eles poderiam trabalhar juntos? Quantos tiveram a oportunidade para escutar os pais que falam sobre as suas necessidades e percepções?

A capacitação ou formação de que se fala não é apenas uma questão de capacitação num sentido convencional, mas de professores que têm oportunidades para exaltar a sua auto-consciência e pensar nas suas atitudes com relação as famílias dos seus educandos, como eles percebem e se relacionam com elas, (Mittler, 2003).

Relativamente à expulsão, entende-se ser uma medida inadequada, dado que, sendo os mesmos educandos que normalmente não faziam o trabalho para casa e, conseqüentemente expulsos, o professor devia repensar as formas de apoio. O professor deve trabalhar como educador, procurando solucionar os problemas do educando, não como alguém que se limite a transmitir conteúdos e tomar medidas. Em virtude destas práticas, Conteras (1999) destaca duas dimensões da profissionalidade docente:

A primeira dimensão da profissionalidade docente deriva do facto de que o ensino supõe um compromisso de carácter moral para quem o realiza. Este compromisso ou obrigação moral confere à actividade de ensino um carácter que, como assinalou Sockett (1989) citado em Conteras (1999), se situa acima de qualquer obrigação contratual que possa ser estabelecida na definição de emprego.

A razão deste autor, para esta obrigação moral centra-se na finalidade de que a educação deve incorporar a noção da pessoa humana livre, o que é simultaneamente uma conquista a que se aspira e um estatuto moral sobre o qual se realiza a prática educativa. Por isso, acima das conquistas académicas, o professor deve estar comprometido com todos os seus educandos, em seu desenvolvimento como pessoas, mesmo sabendo que isso traz tensões e dilemas. É preciso, pois, atender o avanço na aprendizagem dos seus educandos, sem se esquecer das necessidades do educando.

Assim, o professor deve estar atento às diferentes características e problemas dos seus educandos, quer sociais quer económicos. Ele deve traçar estratégias e técnicas para fazer face aos problemas apresentados pelos alunos, de forma a evitar que, os antecedentes sócio - económicos do educando influam negativamente no P.E.A.

A segunda dimensão da profissionalidade docente, deriva da relação com a Comunidade social, na qual os professores devem realizar sua prática profissional.

As obrigações morais do professor e a ética de suas actuações poderiam associar-se a uma imagem de professores como profissionais isolados. Mas, porque o seu trabalho tem implicações éticas muito importantes, está em relação com o contraste e a discussão dos princípios normativos e as realizações concretas dos mesmos. A moralidade não é um facto isolado, mas pelo contrário, um fenómeno social produto de nossa vida em Comunidade na qual é preciso resolver problemas que afectam a vida das pessoas e o seu desenvolvimento, e que precisam elucidar o que é moralmente adequado para cada caso.

A educação não é um problema da vida privada de professores, mas uma ocupação socialmente encomendada e responsabilizada publicamente. Por isso, as autoridades educacionais devem estar conscientes de que o seu papel de educadores vai para além de serem simples transmissores de conhecimento, mas também pessoas que resolvem problemas dos seus educandos, sendo preciso conhecê-los profundamente.

Relativamente ao desempenho escolar, os professores e os membros da Direcção da Escola foram unânimes em afirmar que se os pais ou encarregados de educação se envolvessem mais nas actividades escolares, visitassem regularmente os educandos, acompanhassem todo o P.E.A, o seu desempenho seria bom.

Deste modo, sublinha-se que o fraco envolvimento dos pais ou encarregados de educação parece responsável pelo fraco desempenho escolar dos educandos. Nesta ordem de ideias, Maturana (1997) ressalva que o controlo dos instintos humanos requer uma Família disponível e consciente da sua responsabilidade para preparar a criança a assumir o seu lugar na Sociedade.

Tendo como base as conclusões de Maturana (1997) pode-se afirmar que os pais ou encarregados de educação entrevistados, sobretudo, de educandos que apresentavam fraco desempenho, não estão conscientes das suas obrigações, muito menos das suas responsabilidades, razão pela qual não cumprem as suas tarefas como educadores.

Por sua vez, Mittler (2003) citando Toppings (1986) afirma que por muitos anos conhece-se o facto de que as crianças aprendem a ler melhor e com maior prazer se os seus pais escutam suas leituras, até mesmo se isso acontece durante alguns minutos por dia e são significativamente ajudados quando os pais lêem para elas.

Esta afirmação confirma os resultados desta pesquisa, dado o bom desempenho dos educandos que se beneficiaram do maior envolvimento dos pais ou encarregados de educação.

O apoio dos membros da Direcção da Escola aos educandos que apresentavam fraco desempenho ou mau comportamento, consistia em chamar os educandos a fim de saber as possíveis razões. Esta pesquisa considera ser uma boa medida mas ineficaz, na medida em que, a Direcção não tem nenhum registo documental de níveis de evolução e de sucesso ou de mudança ou até de persistência de comportamento e de desempenho dos educandos. Por isso, dificilmente avaliará a eficácia das medidas tomadas. A Direcção da Escola não referiu ter algum projecto escrito que servisse de guião dos professores para resolver problemas de género.

Além disso, a Direcção e os professores tendem a generalizar as suas medidas em relação aos educandos, em vez de tratá-los de forma separada e diferenciada. Por via disso, a pesquisa presume que este seja um dos factores que influencia o fraco desempenho escolar dos educandos.

Outro dado a sublinhar nesta pesquisa são os discursos contraditórios entre os pais ou encarregados de educação e os educandos sobretudo dos que apresentavam fraco desempenho, na medida em que, os educandos afirmaram não ter tempo de realizar T.P.C. Por sua vez, os pais ou encarregados de educação afirmaram que davam tempo aos seus educandos. A primeira ilação que se pode tirar nestes dados é que os pais ou encarregados de educação teriam dito isto apenas para se defender perante o desempenho dos seus educandos. Eles não queriam assumir o desempenho dos seus educandos.

Outro resultado desta pesquisa é que os pais ou encarregados de educação não dão maior importância a Escola, aos trabalhos escolares, quando se negam a disponibilizarem tempo aos educandos para desenvolver actividades escolares. Encontrei casos de alunos que afirmaram que não faziam TPC por falta de tempo em casa, visto que ajudavam os pais no comércio e na realização de trabalhos domésticas. Este posicionamento dos alunos foi também confirmado pelos professores e membros da Direcção da Escola.

O questionário administrado aos alunos visava recolher dados sobre os seus antecedentes sócio-económicos e suas concepções à volta do apoio e envolvimento dos pais ou encarregados de educação nas suas actividades escolares.

Perguntado aos alunos se os pais ou encarregados de educação sabiam ou não ler e escrever, todos os 26 alunos inquiridos afirmaram que os seus pais ou encarregados de educação sabiam ler e escrever.

Portanto, sendo isto verdade, e em função destes dados, e comparados com o desempenho escolar dos mesmos, pode-se afirmar que o facto de alguns pais ou encarregados de educação saberem ou não ler, segundo suas próprias declarações, nesta pesquisa, não parece ter muita influência no desempenho escolar dos seus educandos, visto que encontrei casos em que os pais ou encarregados de educação não sabiam ler mas os seus educandos apresentavam um bom desempenho escolar.

É também importante referir que a limitação escolar dos pais ou encarregados de educação, a partir dos dados recolhidos, não parecia, igualmente, impedir que eles acompanhassem as actividades escolares dos seus educandos, visto que alguns pais ou

encarregados de educação optavam por pedir aos irmãos mais velhos ou mandavam-nos aos explicadores para ajudá-los nos trabalhos escolares.

É de salientar que a afirmação segundo a qual os pais ou encarregados de educação não sabem ler e ou escrever foi fornecida pelos próprios pais ou encarregados de educação, mas que é contrária à informação dada pelos educandos. Todavia, parece ser paradoxal esta informação em relação ao nível de escolaridade dos pais ou encarregados.

Portanto, pode-se também perceber que, provavelmente, alguns pais ou encarregados de educação não sabem ler nem escrever como eles próprios afirmaram, mas os seus educandos visavam “protegê-los”.

Contudo, o facto de alguns pais ou encarregados de educação não saberem ler nem escrever segundo eles mesmos declararam, este não era um factor inibitório para apoiar os seus educandos, visto que esta pesquisa confirmou a partir dos dados recolhidos e analisados que mesmo os pais ou encarregados de educação que afirmaram não saberem ler e ou escrever conseguiam apoiar os seus educandos nas actividades escolares, recorrendo por exemplo ao explicador.

Capítulo 6: Conclusões

O capítulo seis apresenta as principais conclusões deste estudo, as quais se referem à influência do apoio dos pais ou encarregados de educação no desempenho escolar dos educandos com o propósito de reflectir sobre a existência ou não da relação entre a variável apoio e a variável desempenho escolar do educando. Com base na análise e discussão anteriores concluiu que:

O fraco apoio, a falta do envolvimento e a participação dos pais ou encarregados de educação nas actividades escolares dos seus educandos, a falta de diálogo entre os pais e os educandos são aspectos frequentes e marcantes na Escola onde esta pesquisa foi efectuada.

Os resultados da pesquisa permitem concluir, igualmente, que os educandos que apresentavam fraco desempenho escolar eram predominantemente aqueles que não se beneficiavam de apoio nas actividades escolares, do envolvimento e da participação dos pais ou encarregados de educação. Contrariamente, em todos os casos em que os pais ou encarregados de educação apoiavam-nos nas actividades escolares, se envolviam na vida escolar, incentivavam-nos, visitavam-nos, o seu desempenho era bom.

Portanto, conclui que as práticas desenvolvidas quer pelos pais, quer pelos professores e pelos membros da Direcção não estimulam a aprendizagem dos alunos na Escola e em casa, visto que não são, por si só, as categorias tidas como de referência na influência do bom desempenho escolar dos educandos pelos vários autores: Alguns pais não se envolvem na vida escolar dos seus educandos, outros ainda não têm a prática de ajudar os educandos nas actividades escolares. Há também os que não visitam à Escola dos seus educandos. A Escola, por sua vez, não tem a comissão de pais e não estabelece parceria e coolaboração com a Comunidade.

Por isso, a ausência destas variáveis na Escola, na Comunidade e na Família, propicia ao fraco desempenho escolar dos educandos.

A relação entre o desempenho escolar dos educandos e o apoio dos pais ou encarregados de educação encontrada nesta pesquisa, implica que quanto menor for o apoio dos pais ou

encarregados de educação aos educandos, menor será o desempenho escolar dos mesmos. Quanto maior for o apoio dos pais ou encarregados de educação maior será o desempenho escolar dos educandos. Esta relação sugere que se aprofunde mais o relacionamento entre os pais ou encarregados de educação e a Escola, visto que ela influencia o desempenho escolar dos educandos.

Em suma, conclui-se a partir dos resultados que dentre vários factores que influenciam no desempenho escolar do educando, o apoio, o dialogo com os educandos e o envolvimento dos pais na vida escolar dos educandos afiguram-se como sendo os mais influentes. Nesta óptica, conclui-se que o volume e o tipo de apoio que os pais ou encarregados de educação proporcionam aos educandos influenciam no seu desempenho escolar.

De um modo geral, os professores e os membros da Direcção da Escola, face às práticas dos pais ou encarregados de educação, pouco faziam para ajudar os educandos e os pais ou encarregados de educação, pois, as únicas formas de apoio oferecidas aos educandos, era expulsá-los da sala de aulas ou da Escola ou ainda chamar os pais ou encarregados de educação para conversar com eles.

Portanto, concluo que estas práticas são derivadas da falta de formação dos professores nas Universidades ou nos IMAP's em matéria de apoio e de acompanhamento dos pais ou encarregados de educação, em particular, daqueles cujos educandos apresentavam fraco desempenho escolar.

Face ao fraco desempenho escolar de alguns alunos e ao comportamento e atitudes dos mesmos, os membros da Direcção e os professores da Escola exprimiam juízos de valor que tendiam a generalizar o comportamento dos educandos, atribuindo-lhes características de uma minoria. Estas atitudes visavam mostrar os problemas que os educandos colocam à Escola e aos professores, e eximir-se, deste modo, da sua responsabilidade bem como dos problemas que a Escola colocava aos educandos.

Em virtude disso, verifica-se uma persistência de fraco desempenho escolar dos mesmos alunos, comportamento e atitudes não recomendáveis dos mesmos alunos, dado que a Escola não tem nenhum registo de cada atitude e ou comportamento de cada aluno e nem faz um acompanhamento personalizado.

Contudo, baseando-se nas práticas de alguns pais ou encarregados de educação, os membros da Direcção e os professores da Escola em estudo foram unânimes em afirmar que, o que levaria os educandos a ter um bom desempenho escolar seria maior apoio, participação e envolvimento dos pais ou encarregados de educação nas actividades escolares, visitas regulares à Escola, entre outras acções.

Capítulo 7. Recomendações

Em função das constatações e comentários feitos na presente pesquisa, cabe-me finalmente propor as seguintes recomendações:

➤ Ao nível da Direcção da Escola

O estudo recomenda que todas as escolas, em particular, onde se fez a pesquisa, promovam anualmente capacitações aos professores sobre as formas de apoio aos pais ou encarregados de educação e aos educandos, sobretudo, os que apresentam fraco desempenho escolar.

Esta pesquisa recomenda também aos membros da Direcção da Escola a re-introduzir uma comissão de pais ou encarregados de educação, visto que através desta, poder-se-á facilitar e aprimorar o contacto e a aproximação entre a Escola e a Comunidade.

Recomenda-se ainda que a Direcção da Escola faça um levantamento apurado da situação de cada aluno e por via disso, diferenciar as medidas a tomar por cada.

Recomenda-se a Escola a fazer o registo escrito das situações anómalas mais recorrentes que ocorrem na Escola, de forma a tomar medidas mais eficazes para cada situação.

➤ Ao nível dos pais ou encarregados de educação

O estudo recomenda, por um lado, que todos os pais ou encarregados de educação apoiem, se envolvam, participem com maior frequência na vida escolar dos educandos e dialoguem com eles, dado que estas práticas mostram uma influência significativa no desempenho escolar do educando. Por outro, a pesquisa recomenda que os pais ou encarregados de educação tenham maior espírito de pertença em relação à aprendizagem dos educandos e que dêem maior importância ao P.E.A. de seus educandos.

Os dados da pesquisa permitem igualmente recomendar aos pais ou encarregados de educação que apoiem não só em material didáctico, mas também financeira e moralmente aos seus educandos, arranjar explicadores quando necessário incluindo a realização de visitas escolares, bem como criar ambientes domésticos favoráveis e propícios para a aprendizagem dos alunos.

O estudo recomenda ainda aos pais, para se aproximar à Escola dos educandos, procurar saber das dificuldades do seu educando e da progressão e ou evolução do mesmo.

➤ **Ao nível das Universidades e IMAP's**

As Universidades e IMAP's devem introduzir nos seus planos de formação, conteúdos, formas e ou estratégias sobre como os professores podem ou devem lidar com os pais ou encarregados de educação, sobretudo, cujos educandos apresentam fraco desempenho escolar.

➤ **Ao nível dos Professores**

Face ao uso obsessivo de métodos punitivos e rígidos recomendo aos professores e os membros da Direcção da Escola a pautar por um maior diálogo e interacção com os educandos e diferenciá-los na tomada de medidas.

Recomenda-se aos professores que diversifiquem as suas formas de apoio aos alunos e que repensem sobre as consequências da expulsão dos alunos da sala de aulas pelo facto de não ter feito T.P.C, visto que o estudo constatou que os alunos que eram mandados sair eram sempre os mesmos.

Recomenda-se, ainda, que os professores criem espaço e mecanismos de aproximação dos pais e da Comunidade na vida escolar, dado que certas atitudes dos alunos resultam da fraca aproximação entre os professores e a Comunidade.

Porém, o estudo recomenda que mais pesquisas do gênero sejam realizadas com vista a identificar outras variáveis que tenham maior influência no desempenho escolar dos educandos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Assis, N. (1994). *Revendo o meu Fazer Sob uma Perspectiva Teórico-Prática*. São Paulo: Disponível à 13 de Março de 2013 em <http://www.Planalto.Gov.br>.
2. Àvila, B. (1996). *Introdução à Sociologia*. (8ª ed.). Rio de Janeiro: Editora Agir.
3. Beauchamp, A., Graveline, R., Quiviger, C. (2001). *Como Ensinar um Grupo* (7ª ed.). São Paulo.
4. Beleboni, S. A. (2001). *Qual é o Papel da Escola Frente as Dificuldades de Aprendizagem de Seus Alunos?* São Paulo: Disponível a 23 de Novembro de 2011 em <http://www.Profala.com.arteducesp72.htm>.
5. Bogdan R. & Biklen S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
6. Canário, R., Alves, N., Rolo, C. (2000) *Escola e Exclusão Social: Para uma análise crítica da política Teip*. Instituto de Inovação Educacional. Educa Lisboa.
7. Chechia, V A. & Andrade. A. (2002). *A influência dos Pais No desempenho Escolar dos Filhos*. São Paulo: Xamã.
8. Conteras, J. (1999). *A autonomia dos professores* (2ª ed.). São Paulo: Cortez Editora.
9. Cury, C. (2003). *Sistema Nacional de educação Igualitária e Federativa*. Disponível a 30 de Novembro de 2011 em <http://www.Scielo.br.pdf>.
10. Del Pretti, H. Dessen (2005). *Pedagogia: Selección de Lecturas*. Havana: Editorial Deportes.
11. Detry, B. & Cardoso A. (1996). *Construção do Futuro e Construção do Conhecimento*. Lisboa.
12. Da Costa, E. & Bruchovit, E. (2004). *Compreendendo Relações entre Estratégias de Aprendizagem e a Ansiedade de Alunos*. Disponível à 17 de Abril de 2013 em <http://www.scholar.google.com>. teorias sobre o papel pais no desempenho escolar

13. Dos Santos, M.P. Paulino, M. M. (2006). *Inclusão em Educação: Culturas, Políticas e Práticas*. São Paulo: Cortez Editora.
14. Epstein, J. L. (1992). *School/family/community Partnerships: Caring for the children we share*. Phi Delta Kappan. AERA.
15. Flouri, S. & Buchanan, D. (2003). *O Desempenho Escolar das Crianças*. Rio de Janeiro: Block.
16. Gomide, L. (2003). *Educação e Contradição* (7ª ed.). São Paulo: Cortez Editora.
17. Governo de Moçambique (1995). *Política Nacional de Educação e Estratégia de Implementação*. Maputo: Imprensa Nacional de Moçambique.
18. Loureiro, J. E(2005). *L'obra de Rua et l'éducation des Enfants Privés de Milieu éducatif*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.
19. Maldonado, M. T. (1997). *Relação Família-Escola*. São Paulo: Saraiva.
20. Malavazi, M. M. (2000). *Os Pais e a Vida Escolar dos Filhos*. Brasília.
21. Maturana, H. (1997). *O Papel da Família no Processo de Aprendizagem Escolar*. Chile: Santiago: Disponível a 30 de Novembro de 2011 em [http://www. Ask.com](http://www.Ask.com).
22. Mário, M. (2010). *A Escola Como Instituição de Formação e de Intervenção Social no Seio das Comunidades*. II Colóquio “ Pensar em Educação e para Educação”, 1–4 Luanda, Ministério da Educação.
23. Marques, R. (1991). *Ensinar a Ler, Aprender a Ler: Um guia para pais e educadores* (4ª ed.). Lisboa: Texto editora.
24. MINED (2003). *Regulamento do Ensino Secundário Geral*. Maputo: MINED– Direcção Nacional do Ensino Secundário Geral.
25. Mittler, P. (2003). *Educação Inclusiva: Contextos Sociais*. Porto Alegre: Artmed.

26. Nogueira, M. (2000). *Família e Escola: Trajectórias de Escolarização em Camadas Médias e Populares*. Petrópolis, RJ: Vozes.
27. Nóvoa, S. (1975). *A Educação em Cuba. Coleção educação e ensino*. Lisboa.
28. Paula, F. A. (2000). *Deveres, Tarefas para Casa: Velhas e Novas Prescrições Para Professores*: Disponível á 13 de Março de 2013 em [http://www. Profala.com](http://www.Profala.com).
29. Perrenoud, P. (2004). *Os Ciclos de Aprendizagem: Um Caminho Para Combater o Fracasso escolar*. Porto Alegre.
30. Piaget, J. (1990). *Para onde vai a educação?* Lisboa: São Paulo.
31. Piaget, J. (2000). *Poderá a Escola Ser Justa e Eficaz? Da igualdade das oportunidades à igualdade de conhecimentos*. Lisboa : Horizontes Pedagógicos.
32. Polónia, A. C. & Dessen, M. A (2005). *Em Busca de Uma Compreensão das Relações Família e Escola. Psicologia escolar e educacional*. São Paulo.
33. Postic, M. (1995). *Para uma Estratégia Pedagógica do Sucesso Escolar*. Porto: Porto Editora.
34. Prado, V. H. (1981). *Qualidade do Ensino: A contribuição dos Pais*. São Paulo: Xamã.
35. Reis, R. P. (2007). *In: Mundo Jovem*. São Paulo: Martins Fontes
36. Ross, K. (1978). *Sample Design for Educational Survey Research*. International Institute for educational planning.
37. Silva, D. C. (2010). *Relação Família-Escola: Implicações no Desempenho Escolar dos Alunos. Iniciais do Ensino Fundamental*. Brasília
38. Szymansky, H. (2001). *Importância da Participação da Família na Melhoria do Desempenho*. Disponível a 21 de Novembro de 2011 em [http://www. Google.mz](http://www.Google.mz).
39. Teixeira, M. (1995). *O Professor e a Escola: Perspectivas organizacionais*. Lisboa: Mcgrain-Hill.

40. Triviños, A. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas: 1987.
41. Tuntufye, S. Mwamwenda (2006). *Psicologia Educacional: Uma Perspectiva africana*. Maputo: Texto Editores.
42. Vygotsky, L. (1989). *Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes.
43. Yin, R. (2009). *Case Study Research: Design and Methods* (4th ed). Thousands Oaks, CA: Sage Publications.

ANEXOS

ANEXO I

I. Guião de Entrevista aos Membros da Direcção da Escola

- i) Idade: _____ anos, ii) Nível de Escolaridade: _____
iii) Sexo: a) Masculino _____ b) Feminino _____
iv) Profissão/ocupação _____ v) Cargo: _____ vi) Anos de experiência _____

1. Com base na sua experiência de que forma é que os pais e ou encarregados de educação podem apoiar nos seus educandos?
 2. Como é que a Direcção da Escola tem lidado com os pais cujos filhos apresentam baixo rendimento escolar e ou mau comportamento?
 3. Costuma receber visitas de pais e ou encarregados de educação sem que os tenha solicitado, que venham informar – se da situação pedagógica e ou disciplinar dos seus educandos?
 4. Qual tem sido o nível de comparência de Pais e ou Encarregados de Educação cujos educandos tenham problemas de comportamento na Escola?
 - a) Que medidas são tomadas pela Direcção da Escola em caso de falta de comparência?
 5. Qual tem sido o nível de participação dos pais e ou encarregados de educação nas reuniões trimestrais convocadas pela Direcção da Escola?
 - a) As ausências às reuniões têm sido justificadas?
 - b) Fale um pouco sobre a comissão de pais e encarregados de educação da sua Escola
6. **Comentários:**.....

ANEXO II

II. Guião de Entrevistas aos Professores:

- i) Idade: _____ anos, ii) Nível de Escolaridade: _____
- iii) Sexo: a) Masculino _____ iv) Feminino _____
- v) Profissão/ocupação _____ vi) Cargo: _____ vii) Anos de experiência _____
1. O Professor costuma dar trabalho de casa (T.P.C)?
- a) Sim..... b) Não..... c) As vezes
2. Se respondeu que sim, em que momentos da aula?
- a) No fim de cada aula..... b) Apenas na última aula da semana..... c) No início da aula.....
3. Se nunca/ não dá o trabalho de casa, especifique o motivo:
- a) Esquecimento..... b) Os alunos não o fazem..... c) O professor não gosta..... d) Outro: Qual?.....
4. Que motivos costumam alegar os alunos que não fazem o T.P.C?
- a) Falta de tempo..... b) Falta de ajuda..... c) Fraca Compreensão.....
d) Falta de interesse..... e) Outro: Qual?
5. Qual tem sido a medida tomada pelo professor para os alunos que não fazem o trabalho de casa?
- a) Expulsa-os..... b) Chama os pais..... c) Manda os alunos fazerem-no na sala de aulas/fora dela d) Outra: Qual?
6. De que forma se tem manifestado o envolvimento dos pais e ou encarregados de educação no trabalho de casa dos seus educandos?
- _____
- _____
7. Alguma vez pais e ou encarregados de educação vieram à escola falar com o professor sobre as dificuldades que os seus educandos têm enfrentado na escola?
- a) Sim, todos b) Sim, a maioria..... c) Apenas alguns..... d) Muito poucos..... e) Nunca
8. Comentários: _____

ANEXO III

III. Guião de Entrevista aos Pais e ou Encarregados de Educação:

Chamo – me José Cossa, estudante da Universidade Eduardo Mondlane na Faculdade de Educação. Gostaria de saber o que pensa sobre a escola onde o seu filho/educando estuda, sobre o seu relacionamento com os professores e a Direcção da Escola e sobre o trabalho que o seu filho/educando realiza nesta escola. A entrevista levará cerca de 30 minutos. Toda a informação que nos fornecer será estritamente confidencial, isto é, as suas opiniões nunca serão identificadas.

Dados de identificação

Sexo: a) Masculino _____ b) Feminino _____
Grau de Parentesco: a) Mãe _____ b) Pai _____ c) Tio/a _____ d) Avó/ô _____ e) Irmão/a _____
f) Primo/a _____ g) Outro: Qual? _____
Nível de Escolaridade: _____
Profissão/ocupação _____

Perguntas

1. O que é que significa para si apoiar uma criança que anda na escola?
2. De que modo um pai ou encarregado de educação pode apoiar o seu educando?
3. O que acha do relacionamento entre os professores e as crianças que estudam nesta escola?
4. O que é que pensa do relacionamento entre a Direcção e as crianças que estudam nesta escola?
5. Como avalia o ambiente onde o seu educando estuda?
6. Aconselharia outros pais ou encarregados de educação a trazerem os seus educandos para esta escola?
7. O que pensa das outras crianças que estudam com seu educando nesta escola?
8. Está ou não satisfeito com o desempenho escolar do seu educando? Porquê?
9. Quando o seu educando volta da escola, costuma ajudá – lo a fazer o T.P.C?
10. A) Sim _____ B) Não _____
11. Se respondeu que sim, que tipo de ajuda costuma proporcionar ao seu educando?
12. Se respondeu que não, por que motivo?
a) Falta de tempo _____ b) Dificuldade em compreender as matérias ensinadas na escola _____
C) Falta de interesse pessoal _____ D) Outros motivos _____
Quais?
12. Costuma levar o seu educando a visitar exposições de arte?
13. Se respondeu que sim, quantas vezes por mês? 1) Mais do que uma vez _____ 2) Uma vez _____ 3) De vez em quando _____
14. Se respondeu que não, porquê?
15. Costuma levar o seu educando a visitar um museu?

16. Se respondeu que sim, quantas vezes por mês? 1) Mais do que uma vez_____ 2) Uma única vez_____ 3) De vez em quando_____
17. Se respondeu que não, porquê?
18. Costuma levar o seu educando ao cinema?
19. Se respondeu que sim, quantas vezes por mês? 1) Mais do que uma vez_____ 2) Uma única vez_____ 3) De vez em quando_____
20. Se respondeu que não, porquê?
21. Costuma levar o seu educando ao explicador?
22. Se respondeu que sim, quantas vezes por semana? 1) Todos os dias_____ 2) Duas a três vezes por semana_____ 3) Uma única vez_____
23. Se respondeu que não, porquê?
24. Quando o seu educando volta da escola, costuma conversar com ele sobre a escola?
a) Todos os dias..... b) De vez em quando c) Nunca.....
c) As vezes.....
25. Costuma perguntar ao seu educando sobre as dificuldades/problemas que ele enfrenta na escola?
a) Todos os dias..... b) De vez em quando c) Nunca.....
c) As vezes.....
26. Está informado/a sobre os amigos/as que o seu educando tem na escola?
a) Sim..... b) Não.....
27. Se respondeu que sim, conhece todos/as amigos/as do seu educando?
28. Se respondeu que não, porquê?
30. Nos últimos seis meses alguma vez se dirigiu voluntariamente à escola do seu educando para se informar a respeito deste, sem ter sido solicitado pela escola?
a) Sim..... b) Não..... c) Não me recordo.....
28. Se respondeu que sim, o que é que o preocupava?
29. Alguma vez o seu educando esteve envolvido em atitudes ou comportamento sujeitos a sanção disciplinar na sua escola?
- 30) Se respondeu que sim, qual foi a sua reacção quando tomou conhecimento dessa ocorrência?
31. Como avalia o seu desempenho como pai ou encarregado de educação do seu educando?
- Entrevistador:** A nossa conversa chegou ao fim. Mais uma vez, agradeço a sua participação e colaboração!

ANEXO IV

IV. Ficha de Questionário sobre os Antecedentes Sócio - económicos dos Alunos da 8ª classe.

(Província de Maputo, Matola - Infulene Bairro da T-3)

1) Com quem vives em casa?

- 1= Com o meu pai e a minha mãe 2= Com a minha mãe 3= Com o meu pai
 4= Com a minha avó 5= Com os meus tios 6= Com os meus irmãos 7= Com outra (s) pessoa (s)

Qual (ais)? _____

2) A tua mãe sabe ler?

- 1= Sim 2= Não 3= Não sei

3) A tua mãe sabe escrever?

- 1= Sim 2= Não 3= Não sei

4) O teu pai sabe ler?

- 1= Sim 2= Não 3= Não sei

5) O teu pai sabe escrever?

- 1= Sim 2= Não 3= Não sei

6) Costumas ler livros em casa?

- 1= Sim 2= Não 3= Não sei

7) A tua escola tem uma biblioteca (sala com livros onde podes ir ler)?

- 1= Sim 2= Não

8) Gostas de ler livros?

- 1= Sim 2= Não

9) Se gostas de ler, quantas vezes, por semana, lês livros?

- 1= 5 a 7 vezes 2= 3 a 4 vezes 3= 1 a 2 vezes Nunca

10) Na semana passada tiveste TPC (trabalho para casa)?

- 1= Sim 2= Não

11) Em casa os teus pais ou outro membro da família verificam o teu TPC?

- 1= Sim 2= Não

12) Na semana passada faltaste à escola?

- 1= Uma vez 2= Duas vezes 3= Mais de três vezes

13) Como costumavas deslocar – te da casa para a escola?

1. Á pé____

- 2. Numa viatura_____
- 3. De machibombo_____
- 4. De chapa_____
- 5. De bicicleta_____
- 6. Por outro meio: Qual?

14. Quanto tempo levas da casa para a escola? _____ Horas

15. Na tua casa costumavas ajudar no trabalho doméstico?

1= Sim 2= Não

16. Se costumavas ajudar, que tipo (s) de trabalho (s) fazes?
